

# VOZ de Antas



## BOLETIM PAROQUIAL



Director e Editor:

P.º MANUEL DE BRITO FERREIRA

Propriedade da Paróquia:

S. PAIO DE ANTAS

Redacção e Administração:

CENTRO PAROQUIAL — TELEF. 87250

Composição e Impressão:

TIP. OFICINA DE S. JOSÉ — BRAGA

### Editorial

## Avante: Mais e melhor!

Estamos convosco pela segunda vez nesta nova etapa da edição do nosso jornal «VOZ DE ANTAS». Um jornal que quer ser a voz bem viva, plena de liberdade da nossa comunidade católica.

«VOZ DE ANTAS» abafada pela falta de possibilidades ou pelo pouco esforço (nisto não cremos) surge como voz gritante do povo que quer viver um cristianismo por Cristo, porque, na nossa terra o cristianismo é fatalista e não é vivido na sua autenticidade.

Graças ao laborioso trabalho de alguns, poderemos agora estar a par daquilo que se passa aqui e não só aqui; sobretudo no que se refere ao assunto, tão rasto, da Pastoral da Igreja. Não nos referiremos, expressamente, aos assuntos da freguesia porque graças a Deus já temos uma voz que o diz, embora, quando os factos não estiverem de acordo com a luta da Igreja, ninguém nos fará calar a nossa voz de cristãos. E esses factos tanto se podem referir à freguesia como ao país, como ao mundo. A nossa voz, amarfanhada durante tantos anos, jamais se calará!

Como já foi afirmado, estamos a começar e numa altura deveras significativa: Um novo ano

(Conclui na 2.ª Pág.)

Em Dezembro, passámos nove dias... com a Mãe (Novena da Imaculada Conceição)...

Louvámo-l'A porque é Mãe de Deus.

Louvámo-l'A porque é Mãe da Igreja.

Louvámo-l'A porque é Nossa Mãe.

Louvámo-l'A porque é Padroeira de Portugal.

Em seu louvor, na noite de 7 de Dezembro fizemos-Lhe uma Velada de Oração.

No dia 8, tivemos festa e missa solene e ao fim, junto ao seu altar, consagramo-nos todos:

Lembraí-vos, ó piedosíssima Virgem Maria, de que sois Mãe de todos os portugueses, mesmo daqueles que Vos esquecem e Vos ofendem, e continuai a usar da Vossa misericórdia para com todos, sem excepção. Vede como até para os nossos filhos mais afastados o Vosso nome é doce e o Vosso rosto amável. Vede como Vos procuram na aflição e Vos festejam na alegria. Não olheis, Senhora, para os nossos pecados nem para a nossa fraca penitência, e lembraí-Vos apenas de que sois Mãe.



## Catequese — vida renovada

Tomar consciência do plano amoroso da salvação e sobre-

tudo viver esta realidade dinâmica da presença de Cristo Ressuscitado, com toda a sua riqueza pascal, centro da nossa fé, a todos os níveis e nos diferentes campos de acção — eis a finalidade da catequese.

Esta palavra, infelizmente, para muita gente, dados factores de ordem diversa, associa-se imediatamente a uma determinada idade da nossa evolução biopsíquica, à infância ou quando muito à pré-adolescência, não fosse a nossa vida cristã, por excelência, um crescimento, uma conquista a exigir contínua transformação e busca de novas formas de alimento, aliçadas sobretudo na Palavra de Deus e na Liturgia. A vida cristã, na sua dinamicidade, é crescimento harmonioso de todo um ser redimido pela aliança definitiva, como filho de Deus e dotado de grandes potencialidades a desenvolver mediante uma adesão a Cristo, consciente, pessoal e renovada. Estamos na linha das grandes preocupações da Igreja primitiva. De facto, «a Igreja, a partir das suas origens, preocupou-

-se sempre, não apenas em pregar e suscitar a fé, mas também em orientar constantemente os crentes para aquela maturidade que os levasse a alcançar a medida da plena estatura de Cristo».

Se, na verdade, é dentro desta óptima que nos devemos conduzir, dado o acentado Cristocentrismo e acertada viragem para o incarnarmos constantemente nas diferentes situações da nossa vida, sobretudo depois do Conc. V. II, porque é que tal não acontece entre nós, ou pelo menos com aquela intensidade e preocupação que seriam de desejar? Como, neste aspecto e em tantos outros, temos de rever profundamente a nossa mentalidade de que a catequese é apenas para as primeiras idades! A catequese, como acima descrita, envolve todas as pessoas, enquanto filhos de Deus em busca de uma resposta actualizada à sua vocação fundamental realizada nos diferentes estados de vida e por isso abarca todas as idades — crianças, jovens e adultos.

(Conclui na 2.ª Pág.)



As crianças da Catequese — ao fim do magusto — mostram-se mais unidas com Alegria na Oração... de irmãos

Reuniu em Assembleia-Geral a Sociedade da Bovina e foi aprovado o seguinte no dia 28-11-76:

1.º — Dar uma amnistia a até ao fim do ano corrente a todos os possuidores de gado que já foram associados e saíram e a todos os que ainda não se associaram pagando a cota como os fundadores e isentos de joia.

2.º — O registo n.º 41 de vacas cheias passou a ser pago por 150\$00, por morte ao nascer 2 250\$ (turinas) e 100\$, galegas por morte 1.800\$00.

3.º — O sócio que compra crias para desmame tendo 2 meses de nascida pode registar nas mesmas condições.

4.º — Ficou deliberado que a avaliação por doença ou morte será por voto secreto.

Foram apresentadas contas pela Direcção que desde Janeiro de 1976 até Novembro pagou 7 crias no valor de 10 500\$00, 1 touro 5 300\$00, 1 touro 4 600\$00, uma avaria e vendida touro 4 000\$, e uma vaca no valor de 22.000\$00 soma total 46.400\$.

Registaram-se no artigo 41-121 vacas no valor em dinheiro de ... .. 11.450\$

Foi pago por rateios 34.950\$

A Direcção

\*\*\*

No dia 29 de Dezembro

p. p., houve na Igreja paroquial uma concelebração de 12 sacerdotes, com Ofício Solene e Sermão das Almas. Propusemo-nos sufragar as almas dos nossos entes queridos, em todas as segundas-feiras do ano.

Dada a impossibilidade, de na Igreja paroquial celebrar missas por todas as intenções individuais, apela-se para que aproveitem esta oportunidade de rezar pelos seus.

\*\*\*

Natal para todos! apelo que levou a todos os nossos doentes e pobrezinhos o aconchego é «consoada» na noite de Natal. Distribuiu-se pelos pobres a quantia de 8.000\$00.

\*\*\*

O povo é quem mais ordena E o povo ordenou, no passado dia 12 de Dezembro, através do seu voto livre, consciente e responsável, a Junta de Freguesia para a lista proposta pelo C. D. S. Vamos trabalhar!... Os papões acabaram-se! Não há prerogativas nem privilégios a manter... mas sim, o nosso caderno reivindicativo que no próximo número vamos apresentar e Exigir. Contai connosco! Mas se sairdes «fora do rego», cá estaremos... Alertamo-vos de que não

(Conclui na 8.ª Pág.)

«Agradecimento»

— Àqueles que numa teimosia discordante... fizeram estrondosa e «gratuita» publicidade à «VOZ DE ANTAS», ocasionaram a segunda edição (tiragem) do n.º 0. Entrou em 1500 casas. É motivo para nos sentirmos emocionados com o impacto, encorajados pelo interesse e procura, agradecidos pela publicidade discordante...

Firmeza

— Enquanto houver voz, gritaremos a plenos pulmões pela VERDADE e JUSTIÇA, DEMOCRACIA e CONCÓRDIA.

Enquanto se não quebrar o aparo da caneta... escreveremos.

Aviso

— Nas terceiras 2.ª feiras de cada mês, será o dia das vacinas para crianças, no centro paroquial, na sala de Farmácia. As chaves deverão ser procuradas, na devida altura, junto das pessoas a quem foi conferida a faculdade de as possuírem (pároco, sacristão e secretário da Comissão Fabriqueira).

Enganam-se uns certos senhores, se a pretexto das vacinas, pretendem fazer do centro uma casa sem chave.

Esclarecimento

O mobiliário do escritório paroquial, de estilo Luís XIII, foi adquirido, na devida altura, por 13 000\$00, graças ao incansável benefício, sr. Miguel Azevedo.

Presentemente, oferecem, de Braga, 80 000\$00.

Sem comentários!...

Correio

Acuso a recepção da tua carta, ó Sérgio! Não tomes a mal, mas tomo a liberdade de transcrever alguns excertos... lembro-me da Juventude da nossa terra e dá-me a ideia que ainda me encontro com os meus colegas da J. A. C.... nunca me esquecia esta pergunta: — Então como vão as coisas lá, pela nossa terra, a Juventude, o pároco, o grupo teatral, o An-

tas Futebol Clube, a Banda de Música, a arca e todas as outras organizações da terra que agora não me lembro assim como as desfolhadas nas noites de verão, onde ia a rapaziada com cara coberta. Enfim, mil e uma saudades que nunca poderei esquecer.

...um aperto de mão para o pároco e cumprimentos para todos os filhos da terra de S. Paio ...

Admiro o teu bairrismo e agradeço a tua oferta para o órgão electrónico. Obrigado porque escreveste, à malta.

Admiração

— São muitas as pessoas... que percorrendo e observando todo o complexo da Fá-

(Conclui na 8.ª Pág.)

# Verdades

## Eu, pecador me confesso...

Eu, pecador me confesso de ter lançado tão grande confusão com tão pequena interrogação (?).

Não admira! já, Ives Congar — grande teólogo francês, dizia que os problemas propostos à Igreja pelos acontecimentos históricos são «outras tantas pancadas com que o mundo bate para fazer abrir o Evangelho na página que lhes diz respeito».

Ora estamos em crer que uma das páginas seria esta:

«A quem poderei comparar os homens desta geração? A quem são semelhantes?

São semelhantes aos meninos que, sentados nas praças, dirigem a palavra uns aos outros e dizem:

«Tocamos flauta para vós, e não dançastes; Entoamos cânticos de luto, e não chorastes». Veio João Baptista, que não come nem bebe vinho, E vós dizeis: «Está possesso do demónio». Veio o Filho do Homem, que come e bebe, E vós dizeis: «É um glutão e um ébrio, Amigo de publicanos e pecadores!» (LC 7, 31-35).

Os contemporâneos de Jesus contradiziam-se, quando, por motivos opostos, O criticavam a Ele e ao Precursor (João Baptista).

Mas nós, os cristãos seriamente comprometidos com o nosso cristianismo temos de saber abrir, aqui e agora, esta página:

«Deitar-vos-ão as mãos e não-de perseguir-vos, Para vos entregarem às sinagogas e às prisões. Não-de levar-vos à presença de reis e governadores, Por causa do Meu nome. E tereis ocasião de dar testemunho. Assentai, pois, no vosso íntimo Em não preparardes a vossa defesa. Eu vos darei lingua e sabedoria A que nenhum dos vossos adversários Poderá resistir ou replicar. Sereis entregues até por vossos pais, Irmãos, parentes e amigos. Causarão a morte de alguns de vós, E todos sereis odiados por causa do Meu nome, Mas, da vossa cabeça, nem um cabelo se perderá. Pela vossa constância é que haveis de salvar as vossas almas». (LC 21, 12-19).

Jesus interpela-nos, neste página, advertindo-nos das perseguições a que estamos sujeitos, à semelhança dos Seus discípulos antes da destruição de Jerusalém. Poderemos vir a ser odiados por todos mas CONFIANÇA e PERSEVERANÇA, mesmo na iminência da morte. Eis o nosso tema. Eis a garantia da nossa conduta!!!

P.e Manuel Durães

Observa: O penitente

# Catequese — vida renovada

(Conclusão da 1.ª Pág.)

Neste sentido, a perspectiva da nossa vida cristã tem de ser revista e melhor orientada. Não podemos, de maneira nenhuma, contentarmos-nos com o que aprendemos em crianças ou revimos antes da celebração do matrimónio, permanecendo numa ignorância e superficialidade cristãs incríveis. Desta maneira, dadas as nossas preocupações mais primárias, voltamo-nos mais para o material, sendo a mensagem da salvação, que

se identifica com uma pessoa — Cristo Senhor — apenas um verniz de fraca qualidade, facilmente deteriorado com a mais leve das tempestades.

Dentro deste círculo vicioso, vivemos e fazemos caminhar nossos filhos! Onde está a nossa «educação da mentalidade da fé» que nos leva, em todos os momentos da vida, a reconhecer Cristo Senhor nas mais variadas facetas?

Urge o ressurgir de uma catequese consciente, incar-

nada, renovada. Embora o conteúdo permaneça o mesmo, bem como a finalidade, talvez necessite, como vimos, de nova orientação,

Quanto ao método, muito haveria a dizer, talvez noutra ocasião, mas a simples memorização não basta!

Finalmente, para terminar, urge tomar consciência de que a tarefa da catequese é tarefa de todos. «Não somente os Bispos, não somente os sacerdotes, não somente os religiosos e as religiosas, não somente alguns leigos de boa vontade, mas sim toda a Comunidade cristã — visível particularmente na Igreja local — é chamada, com diversos carismas, diversos ministérios e diferentes responsabilidades, a ser testemunha crível do Senhor Ressuscitado».

Que esta tomada de consciência da nossa responsabilidade diante de Deus, de nós próprios e da Comunidade cristã, em face das exigências da maturidade da fé em Cristo, nos disponham a uma maior abertura e disponibilidade, no sentido de aceitarmos com alegria o Espírito do Senhor que habita e opera em nós.

## Editorial

(Conclui na 2.ª Pág.)

que principia e que só passados doze meses terminará.

É preciso que o nosso jornal que recomeça com o novo ano não morra com ele. Unamo-nos e digamos com voz viva: NÃO ACABARÁ! Temos que fazer um anplo esforço: aquele que os que vieram antes de nós e outros que connosco estão fizeram e aquele que já a nós nos cabe fazer.

Olhando para o ano que findou e retrospectivamente aquilo que se fez, temos a certeza de que SOMOS CAPAZES.

Coragem, pois, e desejos de um novo ano brilhante e feliz no Amor de Cristo, nosso LIBERTADOR.

Na Paz de Cristo vos saúda a equipa redactorial de «Voz de Antas».

# OBRA DA CATEQUESE

Responsáveis: P.e Manuel de Brito Ferreira, Maria Isabel Azevedo Torres (curso de Iniciação Elementar), Maria de Jesus de Fátima M. Vitorino (curso de Iniciação e Elementar).

1.ª Classe: — Deus chama-nos (guia, catecismo e folha de pais)

Maria Ermelinda Ferreira Ledo (responsável), Margarida Maria Ferreira Faria Vinhas, António da Cruz Rolo, Maria Adília Rolo Neiva, Maria Matilde da Cunha Neiva, Maria Acilda Sá Crespo, Maria Angélica Neiva e Sá.

2.ª classe: — Vivemos no Senhor (guia, catecismo e folha de pais)

Maria da Graça de Barros Gregório (responsável), Maria Irene Laranjeira Cachada, Maria Utilia Ledo da Cruz, Manuel Dias Torres Neiva, Mário Viana Saleiro, Carolina Rolo da Costa, Maria de Lurdes Laranjeira Afonso, Maria de Fátima Ferreira Faria Vinhas.

3.ª classe: — Cristo está no meio de nós (guia, catecismo e folha de pais)

Maria de Lurdes Alves

Meira da Cruz (responsável) Maria de Jesus de Fátima M. Vitorino (escriurária), Maria Isabel Azevedo Torres (responsável geral), José Joaquim Oliveira Saleiro, Maria Gorett Viana de Barros, António Torres dos Santos, José de Azevedo Faria, Maria Augusta Pereira Neiva, Maria Palmira Dias Torres Neiva, Maria Sampaio Viana, Virgínia Maria Torres Carimalho, Maria Cândida Lima Viana, Maria Cândida da Cruz Laranjeira, Amélia Lima Rolo, Maria Augusta Laranjeira Afonso.

Trinta catequistas. Duzentas e cinquenta crianças.

Os catequistas reúnem-se, aos sábados, na sala de Catequese e Liturgia, para preparar a sessão de Catequese e fazê-la no dia seguinte (domingo).

Na Igreja, a catequese ocupa a nave central. É o lugar que lhe compete.

Ao fim do ano, diremos aos pais quantas vezes o menino(a) faltou à catequese...

Quando levamos os filhos a baptizar, respondemos à Igreja:

— Ao pedir o Baptismo pa-



## Apesar das actividades domésticas, estudos e demais ofícios...

Os catequistas, semanalmente fazem intensiva preparação de cada sessão de Ca-

tequese... a ser apresentada no domingo (das 10,45 às 12 horas), e ao fim, nova-

mente se reúnem para uma troca de impressões, crítica construtiva...

ra os vossos filhos, tendes consciência do compromisso que assumis de os educar na fé cristã?

— Sim, temos disso consciência. Muitos pais pensam...

—que fizeram todo o seu dever inscrevendo os filhos na Catequese. Ora a Catequese organizada na paróquia não dispensa nem substitui a «catequese» dos pais em casa: são dois trabalhos que se completam.

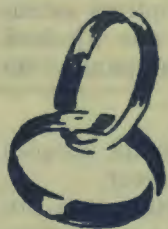
Além da formação ocasional, ligada às realidades de cada dia, os pais devem colaborar com a Catequese organizada, para ajudar os filhos a aceitar, a compreender e a aplicar na vida a mensagem que lhes foi anunciada.

Alguns pais dizem:

— Gostávamos de ensinar, mas não sabemos: agora a religião é outra...

— Ora vamos pensar: A Religião é a mesma, só apresentada de outra maneira: mais de acordo com as necessidades da criança e com o mundo de hoje, que é mais sensível a certos valores. Fazer catequese não é en-

sinar conhecimentos complicados, mas ensinar a viver cristãmente, quer dizer: a olhar as coisas, a pensar e a amar conforme o pensar de Cristo. Por exemplo: não vamos ensinar a dizer o que é a oração, a caridade, ou quem é o Espírito Santo...; mas criar o hábito de fazer oração, de viver em caridade, de dar atenção aos convites do Espírito Santo...



## Casamentos

«Finalmente, os cônjuges cristãos, em virtude do sacramento do matrimónio, com que significam e participam o mistério da unidade do amor fecundo entre Cristo e a Igreja». (L. G. II, 11).

Uniram, pelo matrimónio, as suas vidas para sempre:

### Julho

Dia 24 — Jorge Torres Lima da Silva, de 23 anos de idade, natural de Forjães, onde reside habitualmente no lugar da Igreja, filho de Domingos Lima da Silva e de Olivia de Miranda Ribeiro Torres, com Abelcinda Clara da Cruz Azevedo, de 23 anos de idade, natural de Antas e reside na freguesia de Belinho, filha de Manuel da Cruz Azevedo e de Amélia da Cruz Azevedo.

### Agosto

Dia 7 — Carlos Alberto da Cruz Almeida, de 25 anos de idade, natural de Forjães onde é residente habitualmente no lugar de Pregais, filho de Artur Rodrigues de Almeida e de Maria da Glória Faria da Cruz, com Maria Faria de Gregório, de 25 anos de idade, natural de Antas e residente habitualmente no lugar de Guilheta, filha de Manuel Miranda Pires de Gregório e de Deolinda Rita Faria.

Dia 15 — José Martins Varajão, de 20 anos de idade, natural de S. Romão de Neiva, Viana do Castelo e residente habitualmente em Antas no lugar da Estrada, filho

de Luís Correia Varajão e de Júlia Martins, com Maria de Lurdes Matos Rolo, de 19 anos de idade, natural de Antas e residente habitualmente no lugar de Guilheta, filha de Alberto Gonçalves Rolo e de Maria Gomes de Matos.

Dia 21 — Carlos Alberto Maia Laranjeira, de 23 anos de idade, natural de Antas e residente habitualmente no lugar de Guilheta, filho de Domingos Pires Laranjeira e de Rosa Ferreira Maia, com Maria da Anunciação Rolo Portela, de 23 anos de idade, natural da mesma paróquia e lugar, filha de Manuel Augusto Gonçalves Portela e de Maria Alves Rolo.

Dia 21 — Fernando Joaquim Martins Ferreira, de 28 anos de idade, natural de Monte Córdova e residente habitualmente no lugar de Agrelo, filho de Adão Martins Ferreira e de Ermelinda Martins Ferreira, com Maria Alice Viana da Cruz, de 27 anos de idade, natural de Antas e residente no lugar da Pereira, filha de Manuel da Costa Cruz e de Adelaide da Cruz Viana.

### Setembro

Dia 4 — Manuel Angelo Ri-

beiro Merrelho, de 23 anos de idade, natural de Belinho onde reside habitualmente no lugar de Outeiro, filho de José Gonçalves Merrelho e de Rosa Gonçalves Ribeiro, com Maria Virgínia Abreu de Barros, de 22 anos de idade, natural de Antas e residente habitualmente no lugar da Estrada, filha de Amadeu Pereira de Barros e de Rosária Rodrigues de Abreu.

Aos cônjuges «Voz de Antas» deseja as maiores felicidades e uma vida feliz alcançada no Mandamento de Cristo: «Amai-os uns aos outros»



«Os fieis incorporados na Igreja pelo Baptismo são destinados pelo carácter baptismal ao culto da religião cristã e regenerados para filhos de Deus, devem confessar diante dos homens a fé que de Deus receberam por meio da Igreja» (L. G. II, 11).

Foram baptizados na Igreja de S. Paio de Antas:

### Novembro

Dia 14 — Carla Susana da Silva Carvalho, nascida nesta paróquia, e filha de Manuel Fernandes Pereira de Carvalho e Maria Matos da Silva, residentes no lugar do Monte. Foram padrinhos: Emílio Al-

ves Meira da Cruz e Maria Cândida da Cruz Laranjeira.

Dia 14 — Maria Dulce Pereira Martins, nascida nesta paróquia, e filha de Domingos Martins Pires Carneiro e Alzira Torres Pereira Carneiro, residentes no lugar de Guilheta. Foram padrinhos: Albino Torres Pereira e Maria Torres Pereira.

# AGRICULTURA

A agricultura é a actividade do Homem de mais antigas tradições. Os nossos primeiros antepassados cedo perceberam que podiam aproveitar as plantas quer para a sua alimentação quer para a alimentação dos seus animais.

A pouco e pouco foram adquirindo EXPERIÊNCIA. E era a Experiência que de geração em geração ensinava os agricultores a melhorar as suas culturas, até que, já bem mais perto de nós, apareceram os primeiros livros em que se agrupavam, ordenadamente, os principais ensinamentos até então adquiridos, isto é, começou a aparecer aquilo que se poderá chamar a CIÊNCIA agrícola.

Desde então para cá, a EXPERIÊNCIA e a CIÊNCIA, de braço dado, foram evoluindo e permitiram ao Agricultor aperfeiçoar as suas culturas de forma a obter melhores produções quer em qualidade quer em quantidade.

Muito se poderia escrever sobre a História da Agricultura, mas não serei eu a pessoa mais indicada para o fazer nem é esse o fim destes artigos. Uma ideia, no entanto, gostava que ficasse bem clara: para que a Agricultura se desenvolva e aperfeiçoe, é necessário que o «casamento» destes dois valores — EXPERIÊNCIA e CIÊNCIA — seja um casamento perfeito, para que

dele nasça um filho, isto é, a TÉCNICA.

A TÉCNICA é pois o resultado do casamento perfeito da EXPERIÊNCIA com a CIÊNCIA. E digo perfeito porque se o não for, ou seja, se a Experiência do Agricultor e a Ciência Agrícola em vez de se entenderem e cooperarem, se guerrarem, não teremos Técnica Agrícola, o mesmo é dizer, não teremos desenvolvimento da Agricultura. É este casamento que procuraremos nestes artigos. Iremos buscar aquilo que a Ciência nos diz, casando-a com aquilo que a Experiência nos ensina.

Aprenderemos assim novas maneiras de resolver os

segundo para uma próxima oportunidade, pois não deixa de ter grande interesse, sobretudo para os que criam gado.

O Milho pode ser conservado em espiga ou em grão. Tudo depende do grau de humidade das espigas, pois estas só podem ser debulhadas quando a sua humidade andar pelos 15%, a não ser que se possuam máquinas especiais, o que não é o nosso caso. Assim, e atendendo a que o nosso milho é colhido com uma humidade que anda à volta dos 30 a 40%, temos de o conservar em espiga e esperar que a humidade baixe até 15%. Para isso há várias maneiras de conservar as espigas frescas, baseando-se todas elas na circulação do ar, que é necessária para que haja de facto uma secagem.

De todas as maneiras de conservar as espigas, a mais eficiente e conhecida de entre nós são os espigueiros.

O espigueiro, que tão bem conhecemos, deve, no entanto, obedecer a certas regras muito importantes, ditadas pela ciência e confirmadas pela experiência.

Ora vejamos,

1 — Na construção dos espigueiros deve-se evitar tudo o que possa dificultar a circulação do ar.

2 — O espigueiro deve ser colocado num sítio bem arejado e alto.

3 — Deve ser construído de modo a ficar de frente ao vento.

4 — Nunca deverá ser muito largo, tendo de preferência de 60 cm. a 1 m.

Para aquelas que tiveram

uma duração de cerca de 20 anos.

Para o cálculo das dimensões do espigueiro considere-se que em cada metro cúbico, se podem guardar 550 a 600 kg. de espigas frescas o que equivale a cerca de 300 kg. de grão seco.

Com um espigueiro deste tipo, as espigas frescas colhidas por Outubro ou Novembro com cerca de 40% de humidade, chegarão por volta de Maio em óptimo estado de conservação e com uma humidade de 15%, aproximadamente, ou seja, prontas a descarolar.

## Os Estrumes

Dado termos tido um Outono muito chuvoso, muitos dos agricultores da nossa região ficaram com a sua palha de milho em tal estado, que a não puderam aproveitar, ficando sem saber que lhe fazer.

Pois existe uma boa solução, e matam-se dois coelhos duma só cajadada!

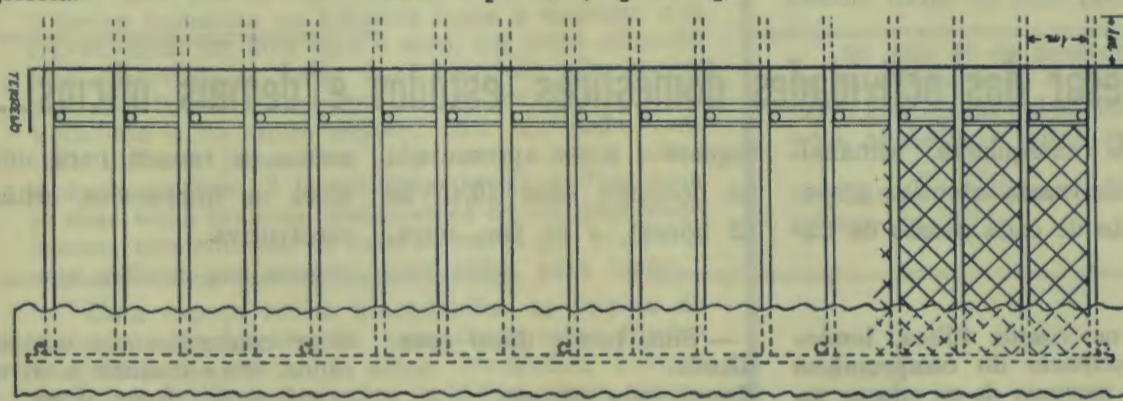
«Na Natureza nada se perde, tudo se transforma», verdade que neste caso bem se aplica.

Efectivamente, estas palhas semi-apodrecidas, assim como outros detritos como folhagens, cascas, bagaços, matos, etc., podem ser transformados num óptimo estrume, que muito nos ajudará na próxima campanha do Milho.

Como fazer?

Pois, é bem mais simples do que pode parecer.

Vamos construir com todos estes detritos que arranjarmos uma «pilha», circular ou rectangular conforme preferirmos, da seguinte maneira:



O «espigueiro» visto de lado

## A Juventude agrária, estudantil, operária

### Católica de Antas (J. A. E. O. C. A.)

Fundou-se, na festa da Imaculada Conceição, (8 de Dezembro - 76). Constelação jovem.

Movimento de Igreja. Militância cristã.

Empenha-se na vivência de cem por cem da Fé Católica Lança-se na promoção religiosa, social e cultural da Juventude.

JAEOCA — A juventude do campo, do estudo e dos trabalhos da construção civil e das fábricas, dá as mãos, organiza-se livremente e fascina a luz da «Boa Nova», apontada no Evangelho. Não confunde. Não aceita indiferença religiosa. Não teme a reacção e incerteza do futuro.

Não a toda a manipulação.

SIM à Igreja. SIM ao Trabalho.

SIM ao cumprimento do Dever.

SIM à sua promoção e desenvolvimento integral.

SIM ao amanhã construído mais conforme a vontade de Deus.

A JAEOCA conterá vários sectores:

- Sector de Liturgia
- » » Cultural
- » » Desportivo
- » » Cinema
- » » Passeios
- » » Teatral
- » » Costura
- » » Enfermagem
- » » Culinária

— » » Actividades livres.

— Sector de civismo (Economia Doméstica)

— Sector de Dinamização pastoral.

Actividades dos vários sectores:

**Liturgia:** Prepara mensalmente a Missa de Juventude. Animação da Liturgia da paróquia.

**Cultural:** Revistas e jornais e livros para enriquecimento e organização da sala da Biblioteca e Administração «Voz de Antas» do centro paroquial. Prepara a página do jornal sobre as actividades da JAEOCA.

**Desportivo:** As várias actividades e modalidades desportivas. A equipe de futebol que representará a JAEOCA.

**Cinema:** Programação e selecção de filmes, bons filmes (e não enxurradas pornográficas) que sejam escola e valor para a Juventude. Cultura cinematográfica.

**Passeios:** Passeio anual. Encontros e convívios. Piqueniques. Magusto. Etc.

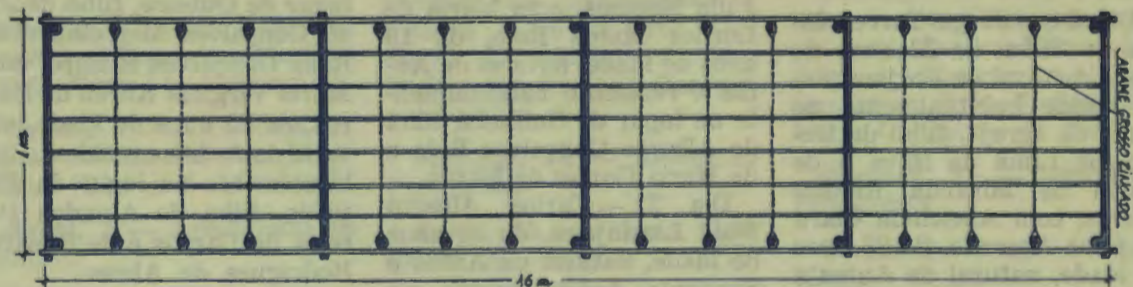
**Teatral:** Fomentar e levar a palco várias e instrutivas peças teatrais. Que interessem e sejam do agrado do Povo.

(Conclui na 8.ª Pág.)

problemas que encontramos todos os dias na nossa Agricultura. E para começar, escolhi para este mês, dois temas que nos interessam, e a que nem todos dão muita atenção. São eles: A CONSERVAÇÃO DO MILHO e OS ESTRUMES.

## A conservação do milho

A cultura do Milho pode ter dois objectivos: a produ-

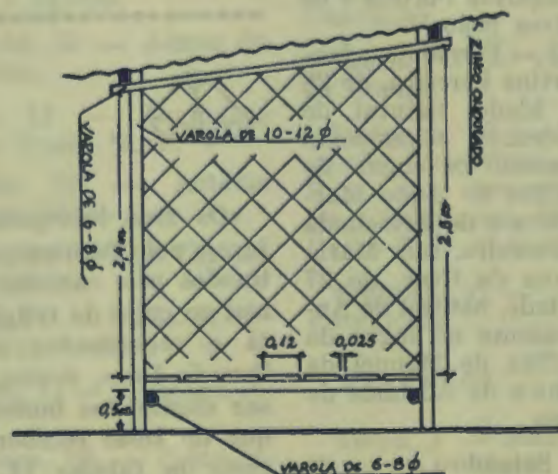


O «espigueiro» visto de cima

ção de grão ou a produção de «milharada» como forragem para o gado.

Vamos ficar apenas pelo primeiro caso, deixando o

de construir um espigueiro novo damos a seguir os esquemas para a construção de um modelo barato, feito com materiais simples e com



O «espigueiro» visto de topo

Sobre um terreno forte, bem batido e com alguma inclinação, vamos colocar uma camada de uns 30 cms., de ramos secos ou lenha fina (para que os líquidos possam escorrer) e à volta fazemos um rego que termina no ponto de nível mais baixo onde enterramos um bido velho ou qualquer outro recipiente parecido, de modo que a boca fique ao nível do rego, para onde irão escorrer os líquidos.

Por cima desta camada, deitamos uma primeira camada dos tais detritos, palhas, matos, folhagens, etc., com cerca de 20 cm. Sobre esta, uma camada de uns

(Conclui na 8.ª Pág.)

# OBRAS PAROQUIAIS

## — o nosso interesse!

Obras paroquiais — o nosso interesse! É verdade, amigo leitor. O nosso interesse — Obras paroquiais.

Orgulhamo-nos — apesar das pulverizações políticas — do bairrismo e união do nosso BOM POVO.

Com trabalho, disponibilidade e boa vontade, em curto espaço de tempo demos provas cabais da construção da UNIDADE e demonstramos sem paleio ou balelas estafadas, como se desenvolve e dinamiza o progresso da nossa Terra:

Quem contesta?

— O embelezamento e muro do recinto do centro paroquial.

— Mudança das escadas de acesso à porta da Igreja.

— Limpeza e exigência... no cemitério.

— Desbravar o matagal junto ao cruzeiro.

— Obras da conservação do Centro paroquial (descritas no n.º 0 do jornal).

— Limpeza do adro.

— Arranjo e asseio dos logradouros da residência paroquial.

— Conservação da garagem e arrecadação.

Desmantelamento de «cortêlhos(as)» e capoeiras.

— Rebocar e pintar a residência paroquial - norte.

— Melhorar os acessos à Telescola e torná-la funcional, nos edifícios que lhe são próprios para se ultimar o abandono do centro paroquial.

— Equipamento e mobiliário da casa da paróquia.

— «Princípio» das obras de conservação na Sacristia.

— Aquisição de alfaias do culto, confessionários (genuflexórios) e os bancos para a Igreja.

— Consumação de um sonho: A CAVE da Residência Paroquial.

Enfim, tudo feito pelo povo unido e cristão. Este povo, sim. Haverá alguém

que nos separe do Amor à nossa Igreja?

É extraordinário este nunca acabar de obras paroquiais, feitas por nós, pelo nosso trabalho, aos sábados!!!

Mas queremos destacar e mencionar:

O nosso amigo Arquitecto Noé, que nos apontou as suas sugestões e nos ofereceu a planta dos bancos da Igreja.

— O senhor Miguel Azevedo que ofereceu toda a tinta do exterior, no total de 90 kg e grande quantidade da interior.

— Ao José Pereira de Carvalho e sua equipa de trabalhadores que ofereceram 14 mesas de café para o BAR — sala de convívio e o portão da garagem.

— Ao sr. Manuel Ferreira da «Nelia» que ofereceu a máquina de café «FAEMA».

— Ao padeiro... com tão gostosos pães oferecidos para a merenda.

Aos que deram contributo em dinheiro, dada a impossibilidade da mão de obra.

Aos que ofereceram vinho, tremoços, queijo, etc.

Aquele grupo de malta fixe liderado pelo Fagundes e outros que apresentaram ao fim de várias noitadas — um deslumbramento — A cave da residência paroquial.

Eu sei lá... quantos e quantos eu aqui podia mencionar e a TODOS só lhes digo:

SIM, é verdade!

Eu sempre acreditei nessa força extraordinária e maravilhosa com que Deus enriqueceu o homem «A FORÇA DA VONTADE» é bem certo o que o povo diz: «muito pode quem muito quer»

Muito fizemos em obras paroquiais, em tão pouco tempo, porque muito quise-

(Conclui na 8.ª Pág.)

# Temas e Problemas

Os professores do Ciclo Preparatório T. V., desta freguesia informam:

— Que desde o início do presente ano lectivo, e depois de lhes ter sido apresentado um conjunto de problemas, têm vindo a tentar melhorar o estado caótico em que tudo, relativo ao processo Telescola, se encontra;

— Que tal caos é o corolário da falta de instalações para uma turma de 19 alunos, da falta de mobília para 70 crianças, das péssimas condições em que se encontra a área destinada a recreio, do horrível acesso desde a E. M. aos pavilhões, da terrível escuridão que não permite chegar em segurança a cominho firme;

— Que têm sido incansáveis para tentar solucionar tal estado de coisas, desde as tentativas feitas para mobilizar e consciencializar, para uma triste realidade, pais, em especial, e todas as pessoas de S. Paio de Antas, em geral, até às pressões que têm feito perante as entidades oficiais responsáveis, utilizando todos os meios de que dispõem;

— Que já conseguiram que a Câmara reparasse o acesso, obra que custará cerca de 45.000\$00 a esta entidade concelhia;

— Que já conseguiram que a Câmara, através dos Serviços Municipalizados, colocasse luz pública no referido acesso o que renderá um custo da ordem dos 15.000\$00;

— Que já conseguiram uma mini-biblioteca, através do FAOJ, destinada a servir a população estudantil desta freguesia;

— Que «reclamaram» um subsídio ao F. A. O. J. para custear as despesas inerentes ao normal funcionamento dessa biblioteca;

— Que já foram feitos vários contactos junto da Delegação de Braga da Direcção-Geral dos Desportos, no sentido de que esta entidade

possa participar com um subsídio para a reconstrução do recreio de modo a poder torná-lo num recinto desportivo polivalente que possa servir toda a juventude escolar desta freguesia;

— Que tudo têm feito para que a Direcção-Geral de Equipamento Escolar entregue rapidamente, as 90 cadeiras e 45 mesas duplas que já foram garantidas para este posto;

— Que já conseguiram que fossem entregues 2 novos televisores e 3 novos armários;

— Que tudo têm tentado perante a Telescola, Vila Nova de Gaia, o I. T. E. e a Direcção-Geral de Equipamento Escolar para que seja implantado um pavilhão a curto prazo e um outro já está pedido, a pensar em termos de futuro;

— Que, se estas entidades não se empenharem para uma rápida implantação do pavilhão e não for arranjada uma solução localmente, a turma de 19 alunos corre o risco de ficar sem aulas e consequentemente perder o ano;

— Que, se a freguesia não se interessar por este caso, o Posto desta terra corre o perigo de ser pura e simplesmente extinto, com o grave prejuízo para as crianças em idade escolar até aos 15 anos, as quais terão de se deslocar para outros Postos de Telescola de freguesia vizinhas ou para localidades onde funcionam os Ciclos Preparatórios Directos;

— Que apesar de disporem sómente de 15 minutos de intervalo durante o horário escolar, estão a distribuir aos alunos um suplemento alimentar, graças a uma participação do I. A. S. E.

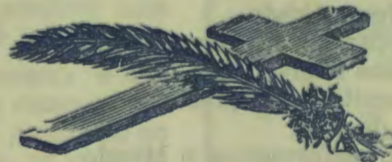
— Que no dia 5-12-76 levaram com autorização dos pais, alguns dos alunos a uma prova desportiva, em Esposende, apuramento concelhio de corta-mato, tendo-se classificado e apurado para irem a Braga, à prova de apuramento distrital, no dia 11-12-76, 9 alunos;

— Que tudo têm tentado, desinteressadamente, para engrandecer a freguesia de Antas e especialmente tudo têm feito pelas crianças, que serão os homens de amanhã e pouso têm conseguido, porque, infelizmente, estão sós (pois apenas com a boa vontade da junta de freguesia o que não chega) sem qualquer apoio daqueles que deveriam ser os primeiros ou pelo menos seguir-lhes a par, referimo-nos à população de S. Paio de Antas, em geral e aos pais, em especial;

— A terminar, os professores, em nome das crianças em idade escolar, pedem ao povo desta freguesia para encarar a realidade Telescola. Que o espírito de colaboração apareça junto daqueles que têm, durante uma grande parte do dia ao seu cuidado, os vossos filhos, isto é, a geração de amanhã. Que se pro-

(Conclui na 8.ª Pág.)

## À sombra da Cruz



«Porque é necessário que todos nós compareçamos diante do tribunal de Cristo, para que cada um receba o que é devido ao corpo, segundo fez bem ou mal». (II Coríntios-5, 10). A todos vós pedimos uma oração por eles. Às famílias enlutadas «Voz de Antas» apresenta as suas condolências e conforta-os na promessa da Ressurreição.

### Novembro

Dia 15 — Engrácia Alves de Carvalho, de 54 anos de idade, residente no lugar da Pereira, e casada com Ma-

nuel Alves Rolo (Fagundes). Filha de José Gonçalves de Carvalho e de Maria Alves Rolo.

Dia 25 — Manuel António Rodrigues, de 57 anos de idade, no lugar da Igreja, filho de Manuel Rodrigues e de Júlia da Silva.

### Dezembro

Dia 5 — Angelina Faria «Gininha», de 80 anos de idade, na casa de Belinho.

Sufraguemos as suas almas para repousarem, no Senhor, de seus trabalhos.

## Guerra ao Medo

- NÃO TENHO MEDO de dizer SIM quando os outros dizem NÃO por cobardia
- NÃO TENHO MEDO de dizer NÃO sempre que a mentira e o ódio me sejam propostos
- NÃO TENHO MEDO de mostrar a minha origem humilde quando estou entre os «grandes»
- NÃO TENHO MEDO de ser humilde quando os «pequenos» me exaltam.
- NÃO TENHO MEDO de trabalhar seja no que for, quando o meu trabalho justifica a minha vida em liberdade e responsabilidade
- NÃO TENHO MEDO de renunciar às aliciantes propostas para colaborar na defesa dos interesses de uma pessoa ou classe.
- NÃO TENHO MEDO de afirmar as minhas convicções políticas ou religiosas, sempre como e quando quiser
- NÃO TENHO MEDO de AMAR porque «a única verdade é o AMOR»
- NÃO TENHO MEDO de sofrer por amor da JUSTIÇA porque um dia chegará a VITÓRIA.
- NÃO TENHO MEDO do MEDO COLECTIVO que impede a acção de cada um em favor do BEM COMUM
- NÃO TENHO MEDO de experimentar a alegria da minha libertação interior
- NÃO TENHO MEDO nem complexo de querer viver como SER INTELIGENTE e responsável na SOCIEDADE
- NÃO TENHO MEDO de reconhecer os meus ERROS
- NÃO TENHO MEDO de ser equilibrado
- NÃO TENHO MEDO de me considerar igual em direitos e deveres a todos os HOMENS meus irmãos
- NÃO TENHO MEDO de gritar a VERDADE contra tudo e todos



As crianças de hoje têm tempo para estudar, trabalhar, fazer catequese, brincar e também para orar... pelos mortos!

## CATEQUESE

# FAZER CATEQUESE, SERÁ SIMPLES?...

O objectivo da catequese é introduzir o homem no mundo da fé, e dar uma orientação cristã à sua vida. Numa palavra: torná-lo «um homem novo». Destina-se a todas as idades, de tal modo que do nascimento à idade adulta e à velhice, o homem possa viver plenamente e progredir na Fé e na vida da Fé.

A catequese é uma função da Igreja. Os catequistas não ensinam no seu próprio nome, mas no da Igreja. Por isso, não lhes incumbe, somente, desembaraçar-se de um serviço, mas cumprir uma missão aquela missão que a Igreja lhes confia.

Catequizar consiste, não em dar um curso de religião, em ensinar uma doutrina, mas em ensinar de tal modo que a doutrina provoque uma completa adesão do homem na Fé. Catequizar é fazer passar a Fé de «teoria» aos actos.

Catequizar, é portanto, ajudar a criança a encontrar Cristo, ajudá-la a desenvolver-se na Vida Divina.

Fazer catequese, é, antes de mais, transmitir às crianças a Mensagem de Cristo para que esta faça desabrochar a vida que está latente no pequenino Cristão. É sobretudo pelo nosso exemplo, pelos nossos menores gestos, pela entoação da sinceridade e da piedade com que falamos às nossas crianças e lhes transmitimos a Palavra de Deus, que essa comunicação se faz.

A criança é um ser riquíssimo: rico de possibilidades que nós temos de compreender para ajudar. Viver, é a sua grande aspiração. Viver em plenitude, viver em cheio a sua vida humana e divina, é a sua grande necessidade. Façamos por ajudá-la.

E para tal, é necessário, é mesmo indispensável, conhe-

cermos as crianças que nos são confiadas na catequese para que a nossa acção junto delas seja eficaz. Com efeito, como poderíamos ser compreendidos, e por conseguinte influenciá-las se não conhecêssemos as suas inclinações, as suas capacidades, se não dêssemos conta das suas reacções, numa palavra, se não conhecêssemos a sua maneira de ser, a sua psicologia?

Só conhecendo as crianças, é que as podemos orientar para Deus, fazê-las viver da vida Divina, que é afinal aquilo que temos em vista.

Conhecer a criança que frequenta as nossas catequese, significa, não somente ter em vista o seu modo de ser natural, mas ainda e antes de mais nada, saber o que ela é pelo facto do seu Baptismo. A catequese é antes de tudo, uma obra sobrenatural, uma obra de Fé.

Por vezes, julgámos conhecer a criança quando sabemos o seu nome, a morada, condições de família e meio em que vive. Ou quando, tendo vivido algum tempo com ela, conhecemos o seu temperamento, a sua capacidade intelectual ou virtudes morais.

Mas será só isto a criança baptizada? É preciso que ajudemos a criança a descobrir aquelas capacidades novas que lhe deu o Baptismo. Nunca, o devemos esquecer nas nossas relações com as crianças, pois isso é justamente o mais importante, é a nossa missão de catequistas.

A criança não aprendeu a andar, a falar, de um dia para o outro; foi vendo e ouvindo os outros que pouco a pouco foi aprendendo. Não aprendeu a ler, logo que pegou num jornal; foi preciso que o professor pouco a pouco lhe fosse ensinado a chamar A ao A e B ao B.

Pois também deste modo deve ser desenvolvida a Vida Divina que a criança tem em (Conclui na 9.ª pág.)

## CREIO NA FELICIDADE

**Creio em Deus,**  
Criador dum mundo não acabado como algo que está aí e assim deve continuar. Que não promulga um plano eterno de desenvolvimento em que não possamos participar.

**Creio em Deus**  
que não dividiu os homens em pobres e ricos, em sábios e ignorantes, em senhores e escravos.

**Creio em Jesus Cristo**  
que viu a situação do mundo e tomou posição ante ela. Tomando-o como exemplo, reconheço com tanta precaução nos temos de organizar, até que ponto a nossa inteligência está atrofiada, a nossa imaginação empobrecida e os nossos esforços equivocados:

Cada dia tenho medo de que Ele tenha morrido inutilmente, porque não vivemos como Ele viveu, porque atraíçamos a Sua Mensagem.

**Creio em Jesus Cristo**  
que ressuscita para a nossa vida para que nos libertemos dos preconceitos e da presunção, do medo e do ódio, para que transformemos o Mundo no Seu Reino.

**Creio no Espírito**  
que veio com Jesus ao mundo.

**Creio na Comunidade de todos os povos**  
e na nossa responsabilidade sobre o que faremos da nossa terra, um vale de miséria, fome e violência ou a Cidade de Deus.

**Creio na Paz Justa**  
que é possível construir.

**Creio na possibilidade de uma vida cheia de sentido**  
para todos os homens e no futuro deste mundo de Deus.  
AMEN.

Lido na celebração ecuménica da «Peterskirche»

FRANCOFORTE

## Paz na Terra aos homens do boa vontade

O anúncio da Boa Nova pelos Anjos, na noite do nascimento do Menino, naquela noite em que se abriram novos e longos horizontes ao Mundo, tem tido tão pouca concretização que mais parece inacessível a marcar distâncias, do que ideal o per fazer.

Talvez não me engane se disser que a causa de todos os fracassos, da realização da paz, assenta no exíguo número de homens de boa vontade. Toda a concórdia e harmonia, tanto nas grandes como nas pequenas sociedades, tanto na comunidade internacional, nacional ou familiar, reside na boa vontade de todos os seus membros, assim como a discórdia e desarmonia na vontade perversa dos mesmos.

O homem é uma liberdade perfazendo-se. «O homem é um ser dado em natureza, para que se reencontre e possua em consciência e liberdade. A sua natureza é liberdade mas a liberdade não existe enquanto se não fizer consciente para si».

Os repetidos ensinamentos de Paulo VI, enquanto que pa-

ra uns serão admoestações paternais, que imediatamente serão postas em prática, noutros a sua influência será indiferente e mais demorada. Há-de ser aqui, ainda o exemplo dos que os põem em prática, que desempenhará papel decisivo.

Só conhecendo e amando o Deus da Paz, será possível, conseguirmos a Paz de Deus — paz sólida e duradoira.

Porque não aceitam os homens a paz que os Anjos arunciaram na noite do nascimento do Príncipe da Paz?

## A direcção

# “Voz de Antas”

esclarece  
e informa:

— O jornal será enviado a todos quantos o procurem.

— Na paróquia, será distribuído a todos os lares, independentemente de pagar ou não pagar a assinatura.

— A todos, crianças, jovens, adultos, queremos levar o elo de união e amizade e a São Doutrina.

— Ao fim do ano, prestar-se-ão contas. Havendo saldo positivo, creio que sim, reverterá para o fundo da paróquia. Havendo déficit, será coberto pelo Director do Jornal. E no ano seguinte, cingir-se-á, e exclusivamente ao pagamento das assinaturas.

— O jornal, propriedade da paróquia, não agravará um centavo, os seus orçamentos.

— O «nível» dependerá do que nós, 1.500 assinantes, quisermos.

— Será distribuído e expedido pela avença e correio no primeiro dia de cada mês.

## A Administração avisa:

— Os interessados no pagamento das assinaturas, deverão fazê-lo, dirigindo-se à casa do Cruzeiro — David Martins Vitorino. Os assinantes residentes na paróquia poderão entregar a respectiva quantia, ao «seu» grupo que lhe distribuiu o jornal. Deverão indicar o nome, (lugar ou cidade, ou nação) e a respectiva quantia, para apresentar na FRENTE SOLIDÁRIA «VOZ DE ANTAS».

Uma esperança — um pedido: cada amigo da «Voz de Antas» vai trazer consigo, enviando, o nome de mais dois leitores e assinantes.

No próximo dia 18 começa a semana da unidade das Igrejas que se prolongará até ao dia 25. Esta semana tem tido uma atenção especial por parte da Igreja Católica. Esta preocupação tem que se reflectir em cada cristão individualmente — aqui a razão de ser deste pequeno artigo.

Podemos realmente afirmar que toda a Igreja foi mobilizada para esta causa grandiosa da Unidade. Se todos estamos mobilizados ou antes convocados pelo Santo Padre para a santificação, oração e sacrifício,



também somos convidados, a reflectir sobre o que a Igreja pensa em relação aos nossos irmãos separados na fé e no amor.

Cada vez são mais numerosos os cristãos que se perguntam:

— Que podemos fazer nós para a Unidade dos cristãos?

Se fazem esta pergunta é porque têm a impressão de que algo se está passando no seio da Igreja e das comunidades católicas.

A Unidade não se deve tornar uma arma em prol da civilização cristã e muito menos ainda um bastião do modo de vida ocidental. Quer, este problema, seja encarado do ponto de vista católico, ortodoxo, protestante ou outro qualquer, como dom de Deus ou realidade futura, a Unidade tem de ser uma questão de fé e obediência à palavra do Evangelho interpretada à Luz do Espírito Santo.

Deus enviou Seu filho Único e Primogénito, para que Este, depois de ter encarnado, desse nova vida ao género humano e ao mesmo tempo lhe concedesse a Unidade. Como prova da autenticidade da missão de Cristo temos as palavras do Evangelho:

«Para que todos sejam um só; como Tu, ó Pai, Estás em Mim e Eu em Ti, que também eles estejam em Nós para que o mundo creia que Tu Me enviaste, Dei-lhes a glória que Tu Me deste, para que sejam um como Nós somos Um. Eu neles e Tu em Mim, para que eles sejam perfeitos na Unidade e para que o mundo reconheça que Tu Me enviaste e os amaste, como Me amaste a Mim». (Jo. 17, 21-23).

Mas esta Unidade perfeita passados que foram 10 séculos desfez-se.

Passados outros tantos, a Unidade está cada vez mais próxima, mas ainda deve vir longe. Reflete-se, mais sobre o que separa as comunidades cristãs do que sobre aquilo que as une. «A solução depende da vontade dos cristãos e da crença no valor da Unidade e sobretudo na crença do valor da oração e também da acção do Espírito nas almas dos fieis».

Neste ponto de vista podemos encarar o Ecumenismo como o conjunto de esforços empreendidos, pelos chefes e fieis cristãos, para reunir todos os seguidores de Cristo numa mesma Igreja e num mesmo Pastor — o Papa Romano.

Toda a actividade cristã pode ter valor ecuménico ou seja — ser fa-

(Conclui na 9.ª pág.)

Estamos perante o espectáculo desolador do abandono em massa da prática religiosa. Grande parte das crianças que fazem a Profissão de Fé, abandonam pouco depois, a Missa e os Sacramentos. Na melhor das hipóteses, ainda

### INSTANTÂNEO

Quem vier para a missa e ficar fora da porta — ou durante a mesma — ou durante a homilia — deve ficar em casa, preferivelmente, porque a vir nestas condições será exibir uma cobardia envolta numa farsa.

rezam alguma oração, em certas circunstâncias da vida. Muitos guardam, apenas, a sua religião, como eles dizem.

Estão convencidos de que Deus não pede tanto; afirmam que a conduta moral é mais importante do que a prática do culto...

Da vida litúrgica que é a vida da Igreja, daquela família em que eles entraram pelo Baptismo, nada compreendem. A assistência aos officios litúrgicos, na sua infância, constituía, possivelmente, um sacrifício e um aborrecimento tais, que ficaram «saturados» para o resto da vida. A Igreja tornou-se para eles um lugar de dissipação. Para re-

zar, rezam em casa e chega, os «e 1 — dizem».

Um dos remédios para esta situação, que é de facto gravíssima, consistirá em dar às crianças desde a mais tenra idade, o sentido comunitário da vida cristã.

A criança, filha de Deus pelo Baptismo, tem necessidade de se pôr em contacto com o Pai que está nos Céus.

O Sacramento do Baptismo não fez de nós apenas filhos de Deus, irmãos de Cristo e templos do Espírito Santo. O Baptismo fez-nos também membros da Santa Igreja. Por isso, não podemos entrar em contacto com Deus apenas enquanto indivíduos, mas temos de o fazer também enquanto membros dessa comunidade — a própria Comunidade dos filhos de Deus e do Povo de Deus. É na Igreja que eu conheço e amo a Deus e que posso receber a Sua vida.

Catequizar é portanto, fazer entrar a criança na vida da Igreja, prepará-la para participar consciente na Eucaristia, sinal eficaz da união dos cristãos com Cristo.

É participando na Missa, nos Sacramentos e nas demais cerimónias, que se aprende a conhecer a Liturgia como vida da Igreja.

Ora, para que a criança viva e participe consciente, nos actos do culto é necessário que, pouco a pouco, vá sendo integrada nesse mundo, um tanto complexo, de gestos, símbolos, linguagem, espaço em que se desenrolam. Esta integração faz-se ao longo de toda a catequese.

A grande finalidade da catequese, não é apenas levar as crianças a conhecer a Deus, mas sim levá-las a estabelecer relações com um Deus pessoal que não é um ser infinitamente distante, um estranho, mas é um Pai, um amigo, — foi esta a grande revelação que o Senhor Jesus nos trouxe.

Os catequistas devem habituá-las a viverem na intimidade d'Ele, a falarem com Ele e a escutarem-no.

É catequizando que despertamos o espírito das crianças para uma vida verdadeiramente sã, que o renova no dia a dia.

Há uma verdade a comunicar; verdade essa que não se destina apenas a ficar em simples conhecimento mas sim, a ser aceite no plano de fé, o que equivale a dizer, um conhecimento de tal modo apresentado que com o auxílio da Graça de Deus, a inteligência fique iluminada pela fé e a vontade se mova a amar a Deus e a obedecer-Lhe.

Se a comunicação da verdade não chegasse a provocar uma atitude cristã não seria, de facto, um alimento da Fé, mas sim um simples conhecimento religioso.

Gorett

## A opinião do leitor

É um facto incontrovertido e indesmentível o do retumbante apoio dispensado a «Voz de Antas», a nossa voz.

São inúmeros os documentos arquivados na sala da Administração, no Centro Paroquial. Porque lutamos por falta de espaço, apenas transcrevemos uma carta.

BRAGA, 2 de Dezembro, 1976

Caríssimo P.e Brito

Os meus cordiais votos de felicidade e óptima disposição. Eu, bem, graças a Deus.

Acuso a recepção do teu maravilhoso «Voz de Antas», que li, respiguei e agradeço profundamente.

Não há dúvida que estais de parabéns: todo o jornal é porta-voz de uma vida dinâmica, fecunda e galvanizante. Admiro e louvo as qualidades jornalísticas e as tiradas de prosa numa linguagem arrebatadora. Foge do tradicional e do convencional e os lugares comuns não passam de adorno acessório. Todo ele respira juventude, vida e amizade. Gosto de ler jornais assim. Não pode ser de maneira nenhuma número a zero, pois a neutralidade está neutralizada por um positivo com grande sinal (+).

«Sou Progressista» é um dos títulos, pois como tal ele é amante de um progresso no bem, na verdade, na vida.

A sua voz é eloquência e quem fala com a sua voz é alti-falante e os seus ecos não se podem perder na vibração dos montes dessas risonhas terras neiveanas... Saúdo a equipa redactorial e felicito esses briosos jovens cheios de juventude e alegria circundante.

Com o «renascer de uma esperança» talvez algumas se ponham, no entanto algo de novo fica e se arranca da bruma do passado que também foi vida.

Sendo «voz dos que não têm voz», ele há-de ser o estímulo daqueles que sabem até com

ela fazer melodias suaves no Criador. Para isso já tendes o órgão electrónico de jovens, ele há-de ser rebelde na revolução da Paz e do Amor. Para tanto lhe basta a rebelião que lhe empresta essa ju-

ventude incerne e sem rugas. Parabéns e longa vida!

Aceita P.e Brito, cordeais saudações e um abraço amigo do amigo ao dispôr.

P. Albano T. Fraga

## Para um código do Trabalhador

### 1 — Porque não sou homem máquina:

NÃO QUERO vender a minha dignidade e a minha liberdade.

NÃO QUERO mendigar um pedaço de pão, já que o meu trabalho exige o mínimo de condições para viver com tranquilidade física - psíquica - cultural e moral.

NÃO QUERO tornar-me um objecto nem tratar os meus como objectos.

NÃO QUERO cansar-me de tal maneira ou habitar em condições tais, que não possa brincar em paz com os meus filhos e beijar serena e dignamente a minha mulher.

NÃO QUERO perder o direito ao tempo livre que me ajuda a libertar-me da escravidão da máquina.

### 2 — Porque sou homem inteligente:

QUERO ajudar na construção do mundo com iguais possibilidades para todos.

QUERO ser ouvido pela produção para poder criar e não apenas executar.

QUERO condições para me iniciar no caminho da participação orientação e gestão das empresas.

QUERO produzir apenas o que for de utilidade para o HOMEM e em condições economicamente razoáveis.

QUERO traçar as condições do meu trabalho para me realizar agrandar e dar sentido à vida.

QUERO melhorar a qualidade dos produtos no mercado para conseguir uma vida humana, justa, livre e fraterna.

QUERO libertar-me do clima de necessidades criadas pela MÁQUINA para se autojustificar e impedir-me de ser mais do que uma peça na engrenagem.

QUERO trabalhar com amor e organização para a reconstrução do meu País.

(Conclusão da 2.ª Pág.)

podereis dormir sossegados ao saber que há tanto, tanto e tanto a fazer!...

\*\*\*

O pároco deslocou-se, de avião, a França, no passado dia 21. Foi conviver com a malta de S. Paio.

Celebrou missa Luso-Francesa, à meia noite do dia 24, na paróquia de 41150 Jorveau. No domingo, dia 26 às 8 horas da manhã celebrou a Santa Missa em português, animada com cânticos do Coral da nossa terra.

No fim da Missa teve um encontro com todos os emigrantes. Um convívio... coisa formidável!

Contactado por nós, a equipa redactorial, prometeu-nos publicar no jornal «o rescaldo de uma viagem»...

\*\*\*

No dia 28 de Novembro, o Coro da paróquia deslocou-se a Alvarães para solenizar uma missa festiva. Não iremos comentar este convite, que muito nos honrou e prestigiou, senão com estas palavras: Um êxito! Parabéns, parabéns eram as palavras daquele povo!... Imediatamente pensaram em organizar um grupo coral.

\*\*\*

Em Janeiro/77, dia 16, começaram os encontros de formação religiosa e moral, para os pré-adolescentes, adolescentes e jovens. Contamos com prestigiosa equipa de Educadores da Fé.

\*\*\*

A semelhança do que se tem passado em todo este «pobre» país, e muito concretamente nas freguesias das redondezas, foram assaltadas várias casas na praia de Guilheta.

Esperamos que a polícia Judiciária, nas suas investigações, não tenha razões para incriminar ninguém da nossa Terra.

\*\*\*

Uma vez mais fomos brindados por uma acção de beneficência — um gesto de Amor à Igreja paroquial — feita pela casa de Belinho — a cedência, na Devesa, de um terreno para a construção do Pavilhão Gimnodesportivo.

A escritura para a legalização do terreno será na primeira oportunidade, em nome da Corporação Fabricadeira Paroquial, que representa administrativamente a Fábrica da Igreja. Na missa da meia-noite de 31/1 Janeiro, a paróquia renderá a sua homenagem aos Snrs. Correia de Oliveira, tão ilustre e tão incansável benemérito da nossa terra, com a prece fervorosa de que o Senhor, por intermédio de Sua Mãe — a Senhora do Rosário, lhes dê os melhores êxitos e lhes alcance as maiores bênçãos.

A casa de Belinho, uma vez mais, a paróquia agradecida. O Grupo Coral solenizará,

com instalação sonora, esta Missa-Acção de Graças!

\*\*\*

Dia 9 de Janeiro, grandioso cortejo para a liquidação das despesas de obras paroquiais — o nosso interesse. A organização partiu espontânea, por lugares. Comparência no adro, às duas horas da tarde. Prioridade aos lugares mais distantes. O entusiasmo com que decorreram as obras paroquiais é garantia indelével do êxito do cortejo. Cada lugar organizou-se à espontaneamente. Nestes cortejos é permitido e «aplaudido» o exibir dinheiro, ao contrário do que acontece nas procissões. Com excepções de 2 naquele lugar, de 1 no lugar X, de 3 no lugar Y, toda a malta colabora e «do que dá» não chora.

Esta meia dúzia de «choringas» podia arranjar outra maneira de mostrar que existe! Mas está certo. Nós já sabemos, quem vós sois! — Uns tesos, ou forrêtas ou «tipos» maus. Sois livres, mas só pedimos que respeitem a nossa Liberdade. Não esqueçais, vós, sois 5 no «bota-abaixo». E nós somos 495 no «upa p'a cima»!!!!

## A Juventude agrária, estudantil, operária Católica de Antas (J. A. E. O. C. A.)

(Conclusão da 4.ª Pág.)

Comédia. Drama. Dinamização do teatro.

Levar o nosso nome. — JAEOCA — a várias localidades através do teatro. Conjunto musical, etc.

Civismo: A arte das Boas-Maneiras. Etc.

Enfermagem: Os primeiros socorros...

Costura: Bordados. Crochet. Tudo quanto se possa englobar e incluir com o termo de — costura.

Culinária: A cozinha ideal. As cem maneiras de cozinhar. A quem não interessa?

Dinamização pastoral: Impulsionar e incrementar todos os Movimentos, Obras e Instituições de Apostolado. Fermento na massa. Trabalho de elite.

Sector Desportivo: A curto prazo a construção, pela malta fixe, de um Centro Gimnodesportivo, no terreno cedido pela Casa de Belinho, como complemento do Centro Paroquial.

Queremo-lo feito e só pelo suor do nosso trabalho, ao fim dos horários de trabalho e «às noitadas» à semelhança da Cave da Residência paroquial. Têr-lhe-emos mais Amor. Conta já com mais de uma centena de sócios, com a cotização mensal de 7\$50.

No Centro Gimnodesportivo praticar-se-ão, para os dois sexos (rapazes e raparigas) as seguintes modalidades desportivas: Futebol de salão, Basquetebol, Andebol,

(Conclusão da 2.ª Pág.)

brica da Igreja, perguntam: — Como é possível isto?

— Respondo: a força da União e Fé do povo cristão. Louvam, admiram e «invejam»!

### Informação

— Todos os que procuram o pároco ou lhe telefonam e não o encontram em casa, deverão fazê-lo, em casa do Manel Sá, telef. 87130, Obrigado lhes fico, e desculpa lhes peço. Compreenderão... o pároco tem a sua vida...

### Recorte

— «Aqueles casos «prateados» arremessados com tão bizarro destino»...

Do poema: «As loucuras do desesperado».

### Ironia

— Aqueles que (in)felizmente conhecemos... com desejo de que o dinheiro das obras paroquiais — o nosso interesse!, fosse para caminhos, um conselho se lhes dá, se o quiserem cumprir: — o que gastam em alimen-

tar vícios..., desviem-no pr'os caminhos e, antes de morrerem não se esqueçam de deixar, em testamento, um bom «quinhão» de herança p'ros caminhos.

E, poderão ter a certeza de que se assim fizerem, e nós sendo vivos, diremos: — Eram «tipos porreiros»!...

### Protesto

— Contra «meia dúzia», que cobardemente, empoleirados no «bota-abaixo», não apareceram no dia 28 de Novembro, no salão recreativo, às 19,30 h., para dizerem que discordavam do mobiliário da casa da paróquia. Muitos apareceram dando

o seu louvor, apoio e colaboração. Dos «bota-abaixo» só dizemos — são os do costume!...

### Felicitação

— À juventude de S. Paio, que não se envergonha de colaborar com a Igreja e quer seguir o lema: MAIS e MELHOR e agora se organiza em JAEOCA (Juventude Agrária - estudantil - operária católica de Antas) um voto de felicitação.

O pároco congratula-se convosco, noivos de Esperança, vida da Igreja. Louva o vosso dinamismo e dá-vos o melhor do seu apoio. Parabéns e prossegui pela luta da vossa promoção.

## AGRICULTURA

8 cm. da seguinte mistura:

— 500g/m<sup>2</sup> de Cianamida

Cálcica

— 500g/m<sup>2</sup> de Superfosfato a 18%

— terra solta, quanto baste

Depois desta camada, calcamos e regamos bem, se possível com os líquidos de animais a que juntaremos a água necessária.

Continuaremos depois a empilhar estas camadas, alternadamente, ora uma ora outra, não se devendo ultrapassar os 2m e calcando sempre muito bem.

Chegados à última camada, cobre-se com uma camada de terra fina e a partir de então vai-se regando de vez em quando com o líquido recolhido no bidão, a que juntaremos a água necessária. Nunca devemos deixar que a «pilha» seque, embora não seja também aconselhável que apanhe grandes chuvadas, o que evitaremos, colocando por cima, e só por cima, uma folha de plástico.

Cerca de um mês e meio após termos completado a «pilha», vamos «virá-la», isto é, vamos colocar as camadas de cima em baixo e vice-versa. a fim de que as fermentações se façam igualmente em toda a «pilha». Este trabalho nada tem de especial, pois com uma forquilha vão-se tirando as camadas superiores, virando-se ao contrário, e por cima delas as camadas seguintes. Não é mais do que virar a «pilha» dos pés para a cabeça. Esta viragem destina-se a oxigenar todo o estrume para que se melhorem as fermentações.

Deste modo teremos, ao fim de 4 a 5 meses, um estrume de boa qualidade e bem curtido, ideal para melhorar as nossas terras e assim melhorar as nossas produções.

Evidentemente que haverá o maior interesse em juntar aos detritos que queremos transformar, todo o estrume de curral que tivermos.

E aqui temos mais uma vez, a CIÊNCIA e a EXPERIÊNCIA a trabalharem em conjunto para que o Agricultor

possa tirar o melhor proveito das suas culturas e do seu trabalho.

Bem, por hoje mais nada. Voltarei no próximo mês para falarmos sobre Adubações. Até lá, boas Espigas e bons Estrumes!

Rui Corrêa de Oliveira

### Temas e problemas

(Conclusão da 5.ª Pág.)

cure esquecer erros do passado e se faça tudo para remediar os do presente e evitar os do futuro (não se esqueça que errar é próprio do homem. Quem não erra?). Que jamais alguém se deixe influenciar por A ou B. Pense-se, sómente, que esta realidade é de todos, é de cada um, é de S. Paio de Antas. Ora como S. Paio de Antas é Portugal, pois pensamos apenas que todos somos portugueses. Por isso unamo-nos e trabalhemos juntos para o bem de todos.

Agradecemos a oportunidade ao Director deste jornal e aproveitamos para desejar ao povo de Antas um Feliz Natal e um Ano Novo muito Próspero.

Os Professores

### Obras paroquiais — o nosso interesse!

(Conclusão da 5.ª Pág.)

mos e na devida altura muito faremos se quisermos!

Faremos homem — Uma palavra profunda de admiração — pois não é vulgar encontrar uma família tão unida como a nossa para trabalhar colaborar e rezar.

Como amigo — em nome pessoal e em nome de toda a paróquia — a expressão de um sincero e vivo agradecimento.

Como pároco e responsável pelos destinos espirituais desta comunidade — Um voto para que Deus vos abençoe, vos coroe dos maiores êxitos na vossa vida e que Vos recompense a «cem por um».

No próximo número continuaremos com o tema:

Obras paroquiais — o nosso interesse!



# ECUMENISMO

(Conclusão da 6.ª pág.)

vorável à Unidade, de todos os cristãos. Para mostrarmos aos nossos irmãos separados que estamos no bom caminho e assim os levarmos mais facilmente, para esse mesmo bom caminho, devemos dar o exemplo de uma grande vivência da fé e ideias que professamos para que eles fiquem cientes da nossa autenticidade. Para isso — como afirma o concílio Vaticano II — as Igrejas e comunidades separadas, embora crejamos que tenham defeitos, de forma alguma estão separadas e despoçadas de sentido e de significação no mistério da salvação.

Não é possível que a Igreja já-mais se desinteresse pelos irmãos separados. Eles são membros da Igreja, embora o não sejam no sentido rigoroso da palavra; mas, eles, são Seus filhos e, por isso mesmo, têm que ser objecto das solitudes da Igreja e do amor maternal, pois, ela é a esposa de Cristo.

A Igreja, portanto, tem o dever de tudo fazer para que os dissidentes voltem ao seu seio, para que possam gozar a vida em plenitude e ao mesmo tempo recebam todos os direitos que lhes são devidos como filhos que são. Os cristãos que querem submeter a sua vida a Cristo, tal como Ele nos é dado pelos Apóstolos, esses mesmos que a história dividiu, querem acabar com o escândalo das suas oposições e se possível das suas divisões: pois, se há um só Senhor e uma só Salvação também tem e deve haver uma só Igreja, o que não quer dizer uniformidade no total.

A Unidade total atingir-se-á quando Cristo tiver encontrado o suficiente número de almas cristãs em todas as confissões religiosas, para aí rezar Ele próprio, livremente, a Seu Pai por esta mesma Unidade.

«Pode uma mãe esquecer o seu filho, deixar de amar o fruto das suas entranhas? Se houvesse uma que o esquecesse, eu, porém nunca te esqueceria.» (Is. 49,15).

Por isso a Igreja não deve esquecer os seus filhos. E a verdade é que não os esquece. Eles são objecto da mais terna afeição da Santa Mãe Igreja. Como dizia Pio XII «o meu coração está transbordante de amor por eles».

Segundo o Concílio Vaticano II é, sem dúvida, necessário que os fieis católicos no movimento ecuménico se preocupem com os cristãos separados, rezando por eles, comunicando por eles e com eles problemas teológicos, dando os primeiros passos em direcção a eles. Sobretudo uma retrospectiva às coisas que na família católica têm que ser renovadas e realizadas para que a sua vida seja um testemunho cada vez mais fiel e luminoso.

A Unidade da Igreja, desejada pelo seu divino Fundador, é para ela uma nota relevante, como o é igualmente a santidade e a catolicidade; contudo, na sua vida e realização concretas, a Unidade ainda não está completa, perfeita e todos os esforços são exigidos para ajudar a realisar-se totalmente, triunfando sobre todos os obstáculos.

Não se trata, evidentemente, duma Unidade qualquer, mas sim, da Unidade na doutrina, no governo e nos meios de Salvação, que são os sacramentos; mas, essa Unidade tem

que se fundar na pedra que Cristo escolheu: S. Pedro e os seus sucessores. A oração eleva o cristão à perfeita Unidade, pois é como que a respiração da alma, dirige-se para Deus vivente através da fé. É no seio dos cristãos e comunidades que se formam os laços de Amor, onde almas são elevadas para a comunhão dos santos.

Unamo-nos, pois, àquela oração que a Igreja todos os dias dá a repetir aos seus sacerdotes na Sagrada Eucaristia: «Oferecemos estes dons pela Santa Igreja católica, para que vos digneis reuni-la e aceitá-la no

mundo inteiro. Não olheis, Senhor, aos nossos pecados, mas à fé da vossa Igreja: concedei-lhe a paz e a união segundo a vossa vontade».

Caros amigos a Unidade na Igreja terá que começar primeiramente dentro de nós próprios. Será dentro do coração de cada um que ela se irá reflectir na Igreja. A Unidade não é só precisa a nível de Igreja Universal, mas a nível de paróquia e de freguesia.

Por isso, camaradas e amigos lutemos pela Unidade na nossa paróquia, que talvez não a tenha totalmente, e na Igreja Universal.

## Ano Bom

*O dia é de triunfo. A humanidade está em festa  
A' vida já sorri depondo a sua cruz.  
Depois da treva densa, a cor se manifesta,  
O sol é resplendente. O mundo é oiro e luz!*

*E vibrará decerto o amor que nos seduz  
Após a dor cruel que na memória resta;  
E voltará na terra a dominar Jesus  
Afugentando a dor que os corações molesta.*

*Sucede nova aurora à noite horrenda e escura  
Que as almas corrompendo, a muitas aviltou  
Lançando-as na derrota, ou na vingança impura.*

*Bendito seja Deus que as preces escudou,  
E que afastando a guerra, o mal, a desventura,  
Faz «Ano muito Bom» do «Ano Bom» que entrou!*

José Cordovil

## Fazer catequese, será simples?...

(Conclusão da 7.ª pág.)

si. E é pelo exemplo, com carinho e compreensão; é pela palavra pouco a pouco, mas sempre acompanhado do exemplo.

A criança é afectada enormemente na sua maneira de ser, por tudo aquilo que a rodeia.

O catequista, é por vezes e sem querer, autenticamente racionalista. Conduz o seu ensino à base de raciocínio — explica, demonstra como quem sabe, e pouco como quem crê; como quem domina a matéria e não como quem a vive; transmite um saber e não uma vida.

É preciso que a criança veja que o que lhe ensinamos não é apenas uma «teoria», mas sim uma coisa que se vive. Não é com raciocínio que a criança pode encontrar a prova das «realidades sobrenaturais», é com o comportamento dos adultos. É por exemplo, vendo-os rezar que a criança rezará e fortalecerá a sua Fé na presença espiritual de Deus.

É essencial que ela nos veja viver a nossa vida de cristãos adultos, para que não pense que a religião é coisa de crianças. Não nos deve-

mos limitar a mandá-las rezar, mas rezemos com elas, não dizer: vão à missa, vão à comunhão, vão confessar-se, mas vamos.

O nosso testemunho é muito importante na vida da criança.

Mas, o nosso comportamento, não irá marcar só as crianças. Ela não é um ser isolado, vive habitualmente na família. Em muitíssimos casos, é através das nossas atitudes que essas famílias avaliam a seriedade da catequese e até da própria Religião. São, por vezes, tanto mais exigentes, quanto menos prática cristã têm. «É catequista, afirmam, e diz isto, faz aquilo, vai acolá...»

Que o testemunho da nossa vida cristã autêntica os ajude a descobrir a seriedade daquilo que ensinamos aos filhos e que todos os catequistas, quaisquer que eles sejam, saibam cada vez com maior clareza, que a missão que lhes foi confiada pela Igreja comporta indissolivelmente o ensino da catequese às crianças e a acção necessária junto dos pais.

Isabel Torres  
M.ª de Jesus Vitorino  
Zéca Saleiro

# Frente Solidária “VOZ DE ANTAS”

Com o apoio que a Administração do jornal está a receber, quanto ao pagamento das assinaturas, garantimos aos leitores da nossa voz, a envergadura e eficácia necessárias para fazer ouvir e propor o ponto de vista cristão, na nossa comunidade paroquial, cada vez mais empenhada e comprometida na dinamização pastoral e apostólica:

Adelino Alves Meira — Anha	100\$00
Albino Alves de Faria	100\$00
Alice Fernandes da Silva	80\$00
Amâncio Meira Rolo	75\$00
Amélia Cardante da Cunha	80\$00
Amélia da Cruz Rolo	75\$00
Ana Pereira da Torre	75\$00
Anselmo Rodrigues Passos	75\$00
António Alves de Azevedo	75\$00
António Alves Rolo Novo — Argentina	95\$00
António Casado Neiva — Marinhas	100\$00
António da Costa Maciel	100\$00
António de Faria Viana	1 000\$00
António de Sá	75\$00
Arlindo Laranjeira Gomes	100\$00
Armando Pacheco de Azevedo	75\$00
Cândida Maltês Torres	75\$00
Carlos Viana da Cruz	75\$00
David Gonçalves Caramalho	75\$00
Elisa Martins de Oliveira — Bélgica	300\$00
Engrácia Pereira de Barros	50\$00
Eugénia Meira de Sá	75\$00
Hilário Meira Rolo	75\$00
Laurinda Fernandes de Azevedo	70\$00
Leontina Maria Caramalho	75\$00
Luciano da Silva Morgado	75\$00
Lucinda Maria Daniel Gregório	75\$00
Manuel Alves da Cunha	75\$00
Manuel Alves Rolo Fagundes	80\$00
Manuel Alves Rolo — Paulo	100\$00
P.e Manuel de Brito Ferreira	500\$00
Manuel da Costa Azevedo	100\$00
Manuel Gonçalves Couto	75\$00
Manuel Pires	75\$00
Manuel Vitorino Vieira	75\$00
Maria Adelaide da Cruz Viana	75\$00
Maria Adelaide Moreira	75\$00
Maria Adelaide Torres Pereira	75\$00
Maria Alves Rolo	75\$00
Maria Arminda de Sá Vieira	150\$00
Maria do Carmo Afonso Torres	75\$00
Maria do Carmo Torres dos Santos — França	314\$70
Maria da Conceição Cardante da Cunha	75\$00
Maria Elisabete Borges Pereira — Porto	75\$00
Maria de Fátima Oliveira Saleiro	100\$00
Maria Gracinda da Costa Cardante	75\$00
Maria Isabel de Oliveira Saleiro	50\$00
Maria José Carvalho de Sá	75\$00
Maria Maltês Torres	75\$00
Olinda Rodrigues Ferreira	75\$00
Palmira Alves de Azevedo	75\$00
Sebastião Viana Alves	100\$00
Susana Ivone de Azevedo Wasch — Porto	75\$00
Teresa do Menino Jesus Gonçalves Ribeiro Neves	75\$00
Jornais avulsos	255\$50

(Continua no próximo número)

## FIZERAM FRENTE...

Na mais convicta certeza de que foram capazes de fazer frente com um pouco das suas economias para a oferta do órgão electrónico, apareceram...

Armando Pacheco de Azevedo — Monte	5 000\$00
Amândio Neiva Meira da Cruz — Austrália	500\$00
Avelino Eiras de Meira Torres — Belinho	100\$00
Gonçalo Bacelar — Gujlheta	300\$00
José Joaquim de Azevedo — Azevedo	150\$00
José Afonso Vaz Saleiro — Azevedo	500\$00
Laurentino de Faria Rolo — França	500\$00
Laurentino Pires Laranjeira — França	500\$00
Manuel de Brito Ferreira — Igreja	500\$00
Manuel Pires Laranjeira — França	500\$00
Manuel Neiva Meira da Cruz — Austrália	500\$00
Manuel Cândido Meira da Cruz — Azevedo	100\$00
Martinho Viana de Meira Torres — Belinho	500\$00
Manuel Gonçalves Pereira — Azevedo	500\$00
Ramiro Pereira Meira da Cruz — Austrália	500\$00
Sérgio Portela — França	50 F
Sebastião Viana Alves — Monte	1 000\$00

(Continua no próximo número)

A paróquia agradecida.

## CONTO

# "DAS BANDAS DO MAR"

Por: P. Dr. Adélio Torres Neiva

Era no Verão à tardinha. O vetusto campariário da aldeola, pingara longorosamente às 6 da tarde, que se iam perder ao fundo do vale, com as toadas de românticas lavradeiras, que lavavam a roupa, lá em baixo, onde murmurava uma esbelta ribeira.

Nessa tarde calmosa, dourada por sorridente sol de Agosto, resolvi-me, enfim, visitar o velho Vicente, meu colega e amigo, que morava, lá em baixo, à beira do caminho.

Enfiei, pela ruela e lá ao fundo duma cangosta, esvaída confusão dos caminhos da aldeola, arqueava-se um velho portal desmoronado, quase em ruínas. Tomei uma das ferrugentas argolas do portal. Bati 3 fortes pancadas na madeira tosca e singular que reproduziam um som caro e seco, em breve afogado pelo ensurdecido rodar dum carro de mão carregado de ferros velhos que seguia calçada abaixo. Voltei-me e só então deparei com um velho sentado. Olhava para além... para o oceano, sobre o qual vagavam 2 barquinhas, acenando-lhes com as suas velas brancas, dizendo-lhes adeus, qual lenço branco, tremelicando no cais, ao navio que se afasta e se esforça por singrar, para além, para longe...

Uma espreça barba escondia-lhe as feições do rosto e a amargura da vida cravara-lhe fundas carquilhas na testa, os olhos, encovados, haviam perdido o brilho e por entre os lábios roxos, negrejava um dente podre. Uma farpelha velha e remendada, uma verdadeira coleção de farrapos, escondia-lhe as peles engalhadas e rugosas. O sol daquela tardinha de verão, aquecia-lhe meigamente as pernas esqueléticas, descobertas até meio da canela, e enxugava-lhe os pés rudes e descarnados.

Na sua frente, para além do verde puro dos prados e do ouro dos milheirais secos, espriava-se o mar glanco, raso e quieto.

Ele olhava para o mar...

A cabeça descansava na mão direita, enquanto que o cotovelo se apoiava no joelho... e de vez em quando um suspiro impertinente esquivava-se da boca, sorrateiramente.

E ele lá estava, imóvel, cismando, a olhar para o mar...

Um velho cão magro e macilento subiu vagarosamente as escadas uma a uma, alapou-se com cautela junto ao dono e começou a lambar-lhe de mansinho as peles que lhe escondiam os ossos dos pés.

— Uma relíquia do mar... talvez um velho pescador — murmurei para mim, junto ao portal, absorto na contemplação daquela cena.

Nisto uma mulher, saia velha, blusa sem cor, e peles murchas, surgiu no limiar da porta, ao cimo das escadas com um chapéu de palha na mão. Desceu dois degraus, colocou o chapéu sobre a cabeça do velho e alargou a vista sobre o lugarejo — fitou também o mar — e notando a minha presença, berrou-me lá de cima, numa voz forte e prolongada muito característica:

— Eh! moço... não te falaram?

Respondi-lhes que não. Então ela virando-se lá para o fundo, fixou a vista dentro do muro e gritou no mesmo tom de voz:

— Eh! Maria Ferreira, ó Joana, ó raparigas!...

Um «nhôra» saiu lá do fundo, como gemido das concavidades dum abismo.

— Olha ali ao portal; está ali um moço!

Fez-se silêncio! A velha demorou ainda a vista sobre a aldeia, tornou-me a olhar, desceu as escadas e desapareceu abrindo a porta dum curral. E o velho lá estava sobre as escadas, qual estátua do desterrado, parecendo dormir.

Uma ou outra andorinha volteava junto às telhas em trinados de compaixão. No chão gravitavam duas galinhas; Além rangia a roldana dum

(Conclui na 11.ª pág.)

# Orar pelos mortos

«Juntando Judas o seu exército, partiu para a cidade de Odolão; chegando o dia sétimo, purificados segundo o costume, celebraram o sábado neste mesmo lugar. No dia seguinte, foi Judas com os seus para levar os corpos dos que tinham sido mortos para os sepultar com os seus pais. Ora, encontraram debaixo das túnicas dos mortos objectos consagrados aos ídolos de Jâmnia, que a lei proíbe aos judeus. Todos reconheceram que fora esta a causa da sua morte. Todos, por isso, bendisseram ao Senhor, justo juiz, que descobre o que está escondido. Em seguida, postos em oração, suplicaram ao Senhor que se esquecesse do pecado cometido. Ao mesmo tempo, o fortíssimo Judas exortou o povo a que se conservasse sem pecado, vendo diante de seus olhos as consequências dos pecados daqueles mortos. Tendo feito uma colecta, mandou duas mil dracmas de prata a Jerusalém, para se oferecer um sacrifício pelo pecado. Obra bela e santa, inspirada pela crença na ressurreição, porque se ele não esperasse que os mortos haviam de ressuscitar, seria uma coisa supérflua e vã orar pelos defuntos. Considerava que, aos que morrem piedosamente, está reservada uma grandíssima recompensa. Santo e salutar pensamento este de orar pelos mortos. Eis porque ofereceu um sacrifício expiatório pelos defuntos, para que fossem livres de seus pecados» (2 Mac. 12,38-46).

Só esta fé de reencontrar os irmãos na outra margem da vida para onde o Senhor os vai chamando, pode resolver o enigma da existência humana. Sem esta fé, viver seria uma angústia e lutar pela vida seria um fracasso.

Missas a celebrar na Igreja da Comunidade paroquial, no ano de 1977.

## Janeiro

Sábado, 1 — 1.ª Domingos Afonso Sampaio; 2.ª Missa Solene; Encontro do Emigrante; 3.ª Maria Adelaide Correia de Oliveira.

Domingo, 2 — 1.ª Pelas intenções dos Paroquianos; 2.ª Maria da Costa Cruz Fogueira e marido; 3.ª Antero Gonçalves Pereira Cardante.

Segunda, 3 — António de Sá-1.º Aniversário e Justino Rolo-1.º Aniversário.

Terça, 4 — Teresa de Jesus Ribeiro Turrinhas.

Quarta, 5 — Maria Acilda Azevedo e Domingos Martins Frade Novo-1.º Aniversário.

Quinta, 6 — Confraria do SS.mo Sacramento; Angelina Faria (30.º dia) (Gininha).

Sexta, 7 — Apostolado da Oração.

Sábado, 8 — António Pires Laranjeira.

Domingo, 9 — 1.ª Pelas intenções dos Paroquianos e Manuel José Poças e esposa; 2.ª António Alves da Cruz Viana; 3.ª Manuel Gonçalves Portela e esposa.

Segunda, 10 — Almas do Purgatório.

Terça, 11 — Domingos Martins Frade Novo.

Quarta, 12 — António Gonçalves Neiva.

Quinta, 13 — José Gonçalves Carvalho.

Sexta, 14 — Maria Rodrigues Meira Leda.

Sábado, 15 — Cezaltina Pires.

Domingo, 16 — Pelas intenções dos Paroquianos e Rosa Meira Gageira e mãe;

2.ª Maria Alves Rolo Ferreira  
3.ª Teresa Dias Ferreira.

Segunda, 17 — Almas do Purgatório.

Terça, 18 Rosa Gonçalves Rolo.

Quarta, 19 — Rosa Gonçalves Rolo Guilheta.

Quinta, 20 — Amélia Rodrigues Meira.

Sexta, 21 — Maria Rolo da Costa e marido.

Sábado, 22 — Manuel Alves Rolo Violanta.

Domingo, 23 — Pelas intenções dos Paroquianos e Manuel Alves da Cruz Jacques; 2.ª Manuel António Rodrigues; 3.ª João Barbosa e esposa.

Segunda, 24 — Almas do Purgatório.

Terça, 25 — Maria Gonçalves de Araújo.

Quarta, 26 — Laurinda Alves Moreira e filho (Manuel Vieira).

Quinta, 27 — Rosa Rodrigues Ferreira e filho.

Sexta, 28 — Manuel Gonçalves Caramalho e irmão (António).

Sábado, 29 — Vasco Dias da Cunha.

Domingo, 30 — Pelas intenções dos Paroquianos e Rosa Laura e marido; 2.ª Balbina Rodrigues Meira; 3.ª Vasco Dias da Cunha.

Segunda, 31 — Almas do Purgatório.

## Fevereiro

Terça, 1 — Manuel Alves Caseiro e Maria R. Viana.

Quarta, 2 — Concelebra-

ção: Emigrantes e ofertantes do órgão electrónico.

Quinta, 3 — Confraria do SS.mo Sacramento.

Sexta, 4 — Apostolado da Oração.

Sábado, 5 — Mariana Alves da Cruz.

Domingo, 6 — 1.ª, Pelas intenções dos paroquianos; 2.ª José Fernandes de Sá Júnior; 3.ª, Rosa Lapeiro.

Segunda, 7 — Almas do Purgatório.

Terça, 8 — Carolina Gonçalves Ribeiro Neves.

Quarta, 9 — António da Costa Pereira.

Quinta, 10 — David Rodrigues Viana.

Sexta, 11 — José Afonso Sampaio e esposa.

Sábado, 12 — Manuel Alves da Cunha.

Domingo, 13 — 1.ª, Pelas intenções dos paroquianos e em particular por Maria da Silva; 2.ª, Maria Alves Rolo e marido; 3.ª, Maria Alves Rolo.

Segunda, 14 — Almas do Purgatório.

Terça, 15 — Manuel Gonçalves Couto e de Brito Martins.

Quarta, 16 — Ricardina Rolo da Costa e irmão.

Quinta, 17 — Emília Alves Moreira.

Sexta, 18 — Amadeu Fernandes de Sá.

Sábado, 19 — Manuel Alves da Cunha e de Enes Lapeiro.

Domingo, 20 — 1.ª, Pelas intenções dos Paroquianos e em particular por Manuel Rodrigues Lameiro; 2.ª Manuel Gonçalves Rolo Júnior; 3.ª, Maria Gonçalves da Costa.

Segunda, 21 — Almas do Purgatório.

Terça, 22 — Ana Lourenço Meira.

Quarta, 23 — Ana Alves da Cruz Azenha e marido.

Quinta, 24 — Manuel Alves Rolo Violanta.

Sexta, 25 — Manuel Rodrigues Viana Júnior.

Sábado, 26 — Antónia da Silva e marido.

Domingo, 27 — 1.ª, Pelas intenções dos Paroquianos e em particular por José Alves da Cruz; 2.ª, Irene de Jesus Rolo; 3.ª, Vasco Dias da Cunha.

Segunda, 28 — Almas do Purgatório.

## Março

Terça, 1 — Domingos Lourenço Faria e esposa.

(Conclui na 11.ª pág.)

# Orar pelos mortos

(Conclusão da 10.ª pág.)

**Quarta, 2** — Manuel Martins Frade.

**Quinta, 3** — Confraria do SSmo. Sacramento.

**Sexta, 4** — Apostolado da Oração.

**Sábado, 5** — José Alves Caseiro.

**Domingo, 6** — 1.ª, Pelas intenções dos Paroquianos; 2.ª, Maria da Conceição Vieira Torres Lima; 3.ª, António Correia de Oliveira.

**Segunda, 7** — Almas do Purgatório.

**Terça, 8** — Teresa Alves Rolo e mãe.

**Quarta, 9** — José Alves Rolo.

**Quinta, 10** — Maria Dias Ferreira.

**Sexta, 11** — Manuel Narciso Novo e esposa.

**Sábado, 12** — Maria da Conceição Vieira Torres Lima.

**Domingo, 13** — 1.ª, Pelas intenções dos Paroquianos e em particular por Manuel e Rosa Alves da Costa; 2.ª, Manuel Alves Caseiro; 3.ª, Manuel Alves da Cunha e Enes Lapeiro.

**Segunda, 14** — Almas do Purgatório.

**Terça, 15** — Rosa Alves Rolo e filha.

**Quarta, 16** — José Gonçalves Neiva.

**Quinta, 17** — Amélia Meira Viana e marido.

**Sexta, 18** — António Gonçalves de Azevedo e Ana Alves Rolo.

**Sábado, 19** — Teresa Alves da Cruz Viana e marido.

**Domingo, 20** — 1.ª, Pelas intenções dos Paroquianos e em particular por Rosa Louro e marido; 2.ª, Ana Gonçalves Ribeiro; 3.ª, Justina Portas e marido.

**Segunda, 21** — Almas do Purgatório.

**Terça, 22** — Domingos Gonçalves Neiva.

**Quarta, 23** — Daniel Martins Ledo.

**Quinta, 24** — Rosa Alves Moreira.

**Sexta, 25** — Clara da Silva Poças e marido.

**Sábado, 26** — Virgínia Alves da Cruz Sequeira.

**Domingo, 27** — 1.ª, Pelas intenções dos Paroquianos e em particular por Manuel Alves de Oliveira e esposa; 2.ª, Missa Solene (ano I); 3.ª, Rosária Pires Laranjeira.

**Segunda, 28** — Párcos falecidos.

**Terça, 29** — Mariana Martins da Costa e mãe.

**Quarta, 30** — Amélia Dias Ferreira e Rosária Alves Rolo.

**Quinta, 31** — Domingos Lourenço Pereira e Pai.

## Abril

**Sexta, 1** — Apostolado da Oração.

**Sábado, 2** — Beatriz Rodrigues Coutinho.

**Domingo, 3** — 1.ª, Pelas intenções dos Paroquianos; 2.ª, Albina Rodrigues Ferreira e Maria; 3.ª, Daniel Martins Penteado.

**Segunda, 4** — Almas do Purgatório.

**Terça, 5** — Francisco Rodrigues Lapeiro.

**Quarta, 6** — Teresa Martins Pereira.

**Quinta, 7** — Confraria do SSmo. Sacramento.

**Sexta, 8** — Manuel Alves da Cruz da Pereira.

**Sábado, 9** — António Laranjeira Amaro.

**Domingo, 10** — 1.ª, Pelas intenções dos Paroquianos e em particular por João Ribeiro Agra e esposa; 2.ª, Manuel Fernandes de Sá Manso e esposa; 3.ª, Joaquim Gonçalves Pereira Cardante.

**Segunda, 11** — Almas do Purgatório.

**Terça, 12** — Amélia Alves Rolo Laranjeira.

**Quarta, 13** — Arménio Pires Laranjeira e Maria Alves Tomás José Graça — 1.º an.

**Quinta, 14** — João Fernandes Penteado e esposa.

**Sexta, 15** — José Gonçalves Pereira de Barrós.

**Sábado, 16** — Maria Lima Rolo.

**Domingo, 17** — 1.ª, Pelas intenções dos Paroquianos e em particular por Manuel Alves da Cruz da Zenha; 2.ª, Manuel da Costa Cruz; 3.ª, Francisco Rodrigues Lapeiro e esposa.

**Segunda, 18** — Almas do Purgatório.

**Terça, 19** — Maria Rolo da Costa.

**Quarta, 20** — Padres: Apolinário e Laranjeira (6.º an.)

**Quinta, 21** — Alberto Martins da Costa.

**Sexta, 22** — David Gonçalves Cardante.

**Sábado, 23** — António Alves Rolo e esposa.

**Domingo, 24** — 1.ª, Pelas intenções dos Paroquianos e em particular por António Alves Rolo Violanta; 2.ª, José Alves; 3.ª, Deolinda Pereira.

**Segunda, 25** — Almas do Purgatório.

**Terça, 26** — Manuel Alves Rolo Rabadas.

**Quarta, 27** — Manuel Viana da Costa Argentina.

**Quinta, 28** — Domingos José Eiras Viana Torres.

**Sexta, 29** — Manuel Lourenço de Faria.

**Sábado, 30** — João Gonçalves Neiva e esposa.

# Senhor, um ano mais que principia

*Que ele não seja mais uma ilusão,  
no meio de explosões e temporais,  
aos bocados desfeita em cada dia!*

*Um ano que mereça ser vital  
por onde o claro sol não se arrependa de passar.  
Que nele a humanidade inteira aprenda  
a conjugar em paz, o verbo amar.*

*Um ano justo e bom, cheio de abraços  
entre as almas e os povos.  
Sem manhãs que de súbito anoiteçam  
e em que as asas que sobem nos espaços  
não perturbem no céu as que nos desçam,  
mensageiras de esperança em tempos novos.*

## Caderno reivindicativo da classe Missionária

### SENHOR:

Considerando que a classe a que pertencemos é tão antiga como a Sociedade que Vós fundastes;

Considerando que a tarefa que nós desempenhamos é a primeira e fundamental missão dessa Sociedade;

Considerando que tal tarefa, iniciada convosco, em vez de se aproximar do fim, pelo contrário, mais e mais dele se vai distanciando;

Considerando que os efectivos de mão-de-obra do sector têm vindo gradualmente a diminuir nos últimos tempos;

Considerando que estamos ao Vosso serviço com um contrato de trabalho velho de vinte séculos, que parece satisfazer plenamente ambas as partes;

Considerando que continuamos a semana de trabalho de 168 horas e, ao domingo, o tempo inteiro é francamente insuficiente;

Considerando que o nosso salário nunca sofreu qualquer actualização e que, por outro lado, não nos movem objectivos salariais na elaboração do presente caderno;

Nós, trabalhadores ao Vosso serviço, reunidos em Assembleia Eucarística sancionada pelo tribunal da Penitência e com o aval do Espírito Santo;

Pressionados pelos anseios da grande maioria das massas que esperam o Vosso Evangelho;

Conscientes do dever que temos de as informar com verdade, dando-lhes a notícia da Vossa Salvação;

Decidimos apresentar-vos um caderno reivindicativo de cuja satisfação dependerá a melhoria dos nossos índices de produção bem como das condições de vida daqueles a quem o nosso trabalho se dirige.

Nestas condições, propomos:

1) — Que nos seja concedido um suplemento de amor pelos irmãos;

2) — Que o público seja devidamente esclarecido, de forma a compreender perfeitamente as implicações do nosso trabalho;

3) — Que sejam alargados os quadros de pessoal ao Vosso serviço, já que podeis dispor de meios suficientes para pagar a quantos trabalham para Vós;

4) — Que façais «abrir os cordões à bolsa» aos detentores do capital, pois as infra-estruturas do nosso trabalho engolem rios de dinheiro...

5) — Que apoiéis a nossa justa luta pela semana de 300 horas e pelo aumento do nosso horário de trabalho, ao domingo, para 48 horas;

6) — Que a Vossa divina Providência nos conceda um subsídio de saúde, para não nos vermos obrigados a estar com baixa, vendo o trabalho acumular-se;

7) — Que nos sejam dadas possibilidades de atingir a reforma a partir dos 90 anos;

8) — Que opereis uma reconversão do sector, proporcionando amplas facilidades de trabalho nos locais em que este é sistematicamente sabotado pelos adversários da Vossa obra;

9) — Que nos sejam concedidas facilidades de transporte, nomeadamente através de subsídios de ubiquidade, a fim de que sejam reduzidos os tempos improdutivo gastos nas deslocações;

10) — Enfim, Senhor, que o nosso trabalho seja por todos os meios possíveis acelerado, a fim de que rapidamente possamos atingir o pleno desemprego.

AMEN. JÁ:

## “Das bandas do Mar,”

(Conclusão da 10.ª pág.)

poço, onde um garotito achavascado, cabeça chamorra e calça remendada atrás tirava um balde de água e ali pertinho, sobre as lages da calçada passava uma lavradeirinha atrás de um par de vacas, entoando uma cantiga melancólica e triste.

Entrementes abriu-se o portal. O Vicente não estava. Saira com o Pires há pouco e dirigira-se para as bandas da praia.

Despedi-me. Nas escadas o velho dormitava.

— Bela vista, não?

— Hum...

Ressona e não responde.

— Hein?... — toquei-o.

Ele acordou! Espreguiçou-se e seu olhar resmungava umas palavras incompreensíveis... misteriosas!

— Então está a gozar a fresca do mar, não?

— O mar... o mar... o ladrão roubou-me o Manuel — roncou misteriosamente.

Compreendi tudo. Tinha na minha frente uma dessas tragédias poveiras, tantas vezes presenciadas nas horas trágicas e de trágicas tempestades, nos bairros pobres de pescadores, focos de miséria, de dor e de fome.

O mar roubara-lhe o filho... e ele naquela ânsia indizível lá estava a olhar para o mar na esperança de que um dia, veria à tona da água, boiando, ou arrojado à praia, o seu filho estremoso, o amparo da sua velhice, o sangue do seu sangue.

Pobre velho! Fugi! Duas lágrimas vaguearam-me no rosto. O Meu coração chorava baixinho.

Esmorecia a tarde... subia o primeiro fumo nos casais e nas encostas dos outeiros, onde bichanava a religiosidade dos pinhais, já não brincava o sol. As árvores ciciavam baixinho, bafejadas pela brandura da aragem. Pelas quebradas rolavam as trindades!...

E o velho lá ficou a olhar para o mar...



O GRUPO CORAL expressa o seu agradecimento a todos os que fizeram frente...  
na oferta do Órgão electrónico

## A Música Sacra como serviço

(Sacrosanctum Concilium, A MÚSICA SACRA; n.º 112/121)

Há cada vez mais a necessidade, de exprimir o que sentimos, o que queremos, o que pensamos, através da arte, porque «o mundo em que vivemos tem necessidade de beleza para não cair no desespero» (Mensagem do Concílio Vaticano II à Humanidade — Aos artistas).

Sendo uma expressão de arte que excede todas as outras, a música comunica aos outros, transmite-lhes mais fielmente que qualquer outra, as nossas tristezas ou alegrias, o nosso desespero ou a nossa esperança, o nosso ódio ou o nosso Amor — em suma, todos os nossos sentimentos...

Um cristão tem também necessidade de se expressar, religiosamente, de se colocar em comunhão com Deus e com os irmãos através de cânticos apropriados.

A Música Sacra tem uma função muito específica e importante no culto divino.

Tem uma «função ministerial» (SC, 112), isto é, não qualquer uma tarefa, mas um serviço autêntico. de, se o quisermos aceitar, nos predispôr ou levar a uma compenetração e aprofundamento espirituais muito maiores de tudo o que está a acontecer, naquele momento e naquela situação, em nós e conosco — o mistero da maravilhosa aproximação do divino até ao humano, Deus que Se, oferece, que Se encontra conosco, dando-nos e manifestando-nos todo o seu Amor.

Presta também um serviço porque é um meio de manifestarmos a nossa adesão, a nossa fé, a nossa união com Deus e também a nossa solidariedade para com os outros, o nosso próximo, os irmãos que nos rodeiam.

É o que nos ensina o Concílio Vaticano II: «A Música Sacra será tanto mais santa quanto mais intimamente unida estiver à acção litúrgica, quer como expressão delicada da oração, quer como factor de comunhão, quer como elemento de maior solenidade nas sagradas funções» (SC, 112).

Por outro lado, tem um valor pedagógico, um sentido de instrução e de repressão, como nos diz S. Paulo na carta aos Colossenses (3, 16). «A palavra de Cristo permaneça em vós abundantemente em toda a sabedoria, ensinando-vos e adomestando-vos uns aos outros, com salmos, hinos e cânticos espirituais; cantando, sob a acção da graça, louvores a Deus em vossos corações».

Por isso, ela «intimamente unida com o texto, constitui parte necessária e integrante da Liturgia solene» (SC, 112).

E, neste sentido da Música Sacra como serviço, deve contribuir para a maior glória de Deus e santificação dos fiéis» (SC, 112). Este é o seu fim.

Para além deste serviço, ela aumenta a dignidade dos ofícios litúrgicos: «Mas estes revestem-se, de maior nobreza quando são celebrados de modo solene com canção, com a presença dos ministros sagrados e a PARTICIPAÇÃO ACTIVA DO POVO» (SC, 113).

No nosso culto comunitário, são três pontos importantes. E não os devemos colocar de lado no nosso modo de nos unirmos a Deus em comunidade — comunidade paroquial.

Deste modo, primeiro, para que a Música Sacra consiga, realmente, exercer a tarefa específica que tem nos ofícios litúrgicos, segundo, para que os «fiéis possam cantar tanto nos exercícios de piedade como nos próprios actos litúrgicos, deve-se promover muito o canto popular religioso» (SC, 118).

E todo o cântico religioso pode tornar-se popular desde que seja ensaiado, pois, se é um só grupo escolhido a cantar, podemos cair muito

fácilmente na missa-espectáculo! Ora isso, por um lado, é a destruição da verdadeira tarefa da Música Sacra na Liturgia — e a Liturgia é tudo aquilo que a Igreja faz EM COMUNIDADE, para entrar em comunhão com o Pai; — por outro, um ponto fundamental nos actos litúrgicos fica ou é esquecido ou ignorado — que é a PARTICIPAÇÃO ACTIVA DO POVO.

Esta «função ministerial», de serviço, tem sido vincada, fortemente, pelos últimos Sucessores de Pedro, para além de que a própria música é enaltecida sem cessar pela Sagrada Escritura

M. N.

## O sorriso não paga imposto

— Ó Mariquinhas, tens um nairz tão grande?!...

— Tenho, porque não o gasto, metendo-o na vida dos outros.

— Diz-me, meu menino. Este exercício fizeste-o com a ajuda do teu pai?

— Não, senhor professor. Foi o papá que o fez sózinho.

### Sabedoria do povo

Não há luar como o de Janeiro, nem amor como o primeiro.

— Apanha com o cajado quem se mete onde não é chamado.

— Cem amigos é pouco, um inimigo é muito.

— Se queres que o teu filho engorde e cresça, lava-lhe o corpo e rapa-lhe a cabeça.

— Quem gasta menos do que tem, é prudente, quem gasta o que tem, é cristão, quem gasta mais do que tem, é ladrão.

— Boa fama grangeia quem diz mal da vida alheia.

— Cada um sabe onde o sapato lhe aperta.

— Cães grandes nunca se mordem.

— Da laranja e da mulher o que ela der.

— Deus dá a barba a uns e vergonha a outros.

— Não te abaixes por pobreza, nem te levantes por riqueza.

— Come para viver, pois não vives para comer.

TRAIADOR — Aquele que deixa o nosso partido político para ingressar noutra. Porém, se deixar o outro para ingressar no nosso, já se chama CONVERTIDO.



— Nessa é que não caio, senhora professora! Ainda a semana passada 6 e 6 é que faziam 12!...

Perguntaram a um bêbedo: — Se colocares diante dum burro uma vasilha de água e outra de vinho qual é que, ele bebe em primeiro lugar? — A água, evidentemente! — Porque? — Porque é burro!

No restaurante: — Que tal? Como achou o bife? — Foi, de facto, uma pequena odisséia mas, por fim, sempre consegui encontrá-lo: estava debaixo duma batata...

Ao telefone: — Está? Onde fala? — Da sapataria. — Oh, desculpe, enganei-me no número! — Não faz mal, passe por cá que a gente troca.

Ela está cantando diante do piano e ele lê o jornal.

A esposa — Rapaz! Eu era capaz de passar a vida cantando. Só queria ser passarinho.

O marido: — E eu, espingarda!

## Crianças da minha terra

Este é o poema que eu escrevi para as crianças da minha terra!...

Para as crianças negras,  
brancas,  
mestiças,  
esfarrapadas  
e esfomeadas,  
sem distinção de cor nem de credos,  
comungando o Amor  
que um dia  
as unirá  
na alegria.

Este é o poema que eu escrevi a sonhar,  
de olhos perdidos no mar  
que me separa delas  
e a quem eu  
aprendi a amar.

O poema que eu escrevi a sorrir...  
a gritar confianças desmedidas,  
nas ânsias partidas,  
quebradas...  
como velas de naufrágio...!

O poema que eu escrevi a soluçar  
sobre os livros, dia-a-dia  
marcada de saudade e nostalgia...

Este é o poema da Esperança.  
Aquele que eu escrevi para ti  
Criança,  
por amor de quem deixaremos gravada  
com sangue e suor,  
a nossa caminhada  
sobre o chão duro da terra  
onde existe a guerra,  
onde não há Paz nem Amor...  
... O poema do Futuro...!

Alda Lara (Adaptada)

## Preso por ter cão e preso por não ter

Alguém escreveu que ninguém, na sociedade, é tão cri-

ticado como os polícias e os padres. E todos nós sabemos que é verdade.

Passa um polícia ou um padre, que a seta da piada, aguda e mordaz, é logo disparada. A eles tudo se exige e nada se perdoa.

Vejamos por exemplo, o que se passa com os párocos: — Se a homilia vai além de 10 minutos... é um chato! — Se fala muito de coisas espirituais... não tem os pés na terra!

— Se fala de questões sócio-económicas... é político! É marxista!

— Se não sai da paróquia e do escritório é um Burocrata!

— Se visita os paroquianos... nunca se encontra em casa!

— Se não visita... é pouco popular; espera que todos o procurem na sacristia!

— Se é dinâmico... muda tudo, mexe em tudo, vai fazer-nos perder a fé!

## SAUDAÇÃO

Saudamos o nosso colega e conterrâneo «CONTACTO» desejando-lhe felicidades na luta em que todos estamos empenhados, pelo progresso da nossa terra.

Saudamos «Notícias de Lanheses» como colega na luta por um cristianismo autêntico e por uma informação acerca do que realmente é a Igreja e a FÉ CATÓLICA.

Aos dois desejamos felicidades neste princípio do novo ano — 1977!

— Então que fazes agora?  
— Sou inventor.  
— Ah sim? E que é que já inventaste?  
— Pregos!  
— Mas isso já há muito tempo que foi inventado!  
— Parece-te. É que eu inventei-os com a cabeça para o outro lado.

— Que estás a fazer? — perguntavam os transunte a um louco, todo embebido na contemplação de um lenço todo branco, pregado na parede.

— É a minha obra prima... Estou a contemplá-la.

— E que representa?

— A passagem do mar vermelho...  
— Mas onde está o mar  
— Retirou-se para dar passagem aos hebreus...

— E os Judeus?  
— Já passaram.  
— E os egípcios?  
— Ainda não chegaram.

### Adivinhas

1.ª — Um barqueiro tem de levar para a outra margem do rio um lobo, uma cabra e um feixe de ervas. O barco porém é pequeno e só pode levar uma coisa de cada vez. Pergunta-se: como há-de fazer o barqueiro para evitar que o lobo como a cabra ou esta as ervas...

2.ª — Semeiam-se aos regos e nunca brotam grelos...

3.ª — Que é que vai e que vem, sem nunca sair do seu lugar?...  
(Ver decifrações das adivinhas no próximo número)